

Victor Pinho
Fernando Alves

D. José Domenech
defensor do trabalho
e prestante cidadão



Domenech, José

Câmara Municipal de Barcelos

1999

Victor Pinho

Fernando Alves

D. JOSÉ DOMENECH

**DEFENSOR DO TRABALHO
E PRESTANTE CIDADÃO**



Câmara Municipal de Barcelos
1999



Ficha Técnica

Presidente da Câmara Municipal de Barcelos

Fernando Reis, Dr.

Vereador do Pelouro da Educação e Cultura

Mário Constantino Lopes, Prof.

Autores

Victor Pinho

Fernando Alves

Edição

Câmara Municipal de Barcelos

Grafismo

Visualcad

Impressão

Gil Vicente Tip.

Tiragem

1000 exemplares

Depósito Legal

134338 / 99

ISBN

972-9138-41-9

Data de lançamento

13 de Fevereiro de 1999

“ Em Barcelos ainda não se conheceu o bem resultante de quaisquer providências em favor da subsistência pública; só o sr. D. José tem feito bem ao povo de Barcelos, só ele é que soube combater os gananciosos até ao ponto que a sua fortuna lho tem permitido.

Repetimos : que pena este cavalheiro não possuir uma fortuna colossal!

Se a possuísse, o povo receberia dele mais benefícios numa hora do que os que em toda a vida poderá receber dos governos.

É uma das primeiras competências em Portugal para resolver a crise da subsistência pública.

Se ele fosse incumbido de combater esta crise, o povo poderia estar certo de que os exploradores deixariam de abusar.

D. José tem-se notabilizado em Barcelos com altos rasgos de filantropia.

Tem prestado relevantes serviços à agricultura, por forma a podermos afirmar que daria um excelente ministro da agricultura.

Então é que a lavoura poderia contar com larga protecção e grande auxílio.

É um obreiro do bem que não se cansa em caminhar para a frente.”

Victor Pinho

Bibliotecário Municipal

Historiador

Jornalista

O seu avô Custódio Martins
foi técnico de máquinas principal
da Fábrica Vouga
de Soares & Irmão, Lda.

Fernando Alves

Empresário

Ex. Funcionário

do Serviço de Águas da CMB

Ex. Afinador de Máquinas

da Fábrica TEBE

A sua avó Felismina Pereira Alves
foi a primeira mulher operária
da Fábrica Domenech
e a primeira a saber ler

Nota Prévia

Entre as figuras que marcaram a sociedade e a economia barcelense neste milénio, destaca-se D. José Domenech, um cidadão do levante espanhol, que veio para Barcelos nos inícios deste século e foi pioneiro da indústria, mais concretamente da indústria de serração de madeiras. E amou tanto esta terra, que se naturalizou português, e aqui quis que ficassem depositados os seus restos mortais, depois de ter dedicado vinte e quatro anos de inteligência e de trabalho a esta região.

Não queremos ser hegotistas, nem tão pouco endeusar essas figuras, tornando-as mitos, antes queremos, à luz da ciência histórica, torná-las reais, com os seus defeitos e virtudes, para que se compreenda quão importantes foram para a sociedade do seu tempo e, ao mês o tempo, legar o seu testemunho aos vindouros.

Trata-se, no fundo, de um trabalho biográfico que teria ficado mais completo se tivéssemos podido consultar os arquivos pessoais de D. José e da sua fábrica, mas o tempo e a incúria dos homens quiseram que nada ou quase nada chegasse até nós.

Não queríamos deixar de agradecer a todos os familiares das famílias aqui mencionadas, muito particularmente à D. Alda Neiva, D. Ângela Diaz, D. Isolete Esteves, sr. José Ballester, sr. José Lourenço, sr. Luís Marinho, D. Manuela Ausina Rio Novo, D. Maria José, sr. Miguel Crespo, D. Olindina Cardoso, D. Pepita Ausina Mestre, sr. Ribes Matos, sr. Salvador Ballester Crespo e também à Dr^a. Maria Manuela Ascensão Correia pelas informações e fotografias fornecidas. Uma palavra de agradecimento ainda à sr^a Conservadora do Registo Civil de Barcelos, Dr^a. Maria Amélia e a todos os funcionários pela forma simpática e zelosa como desenvolvem o seu trabalho. Ao sr. José Augusto, filho do sr. José Maria de Jesus, funcionário da fábrica Domenech pelas várias informações prestadas nas diversas conversas que temos mantido.

Lembrar D. José Domenech, neste mês de Fevereiro dedicado à indústria, nas Memórias do Século XX, é lembrar todos os empresários que nos diversos ramos contribuíram para o engrandecimento e o progresso de Barcelos.

Finalmente, o nosso agradecimento à Câmara Municipal de Barcelos, a quem se deve a edição deste trabalho, muito particularmente ao

sr. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Fernando Reis e ao sr. Vereador do Pelouro da Educação e Cultura, Prof. Mário Constantino Lopes, pela confiança depositada, e o desejo de que continuem a apoiar a divulgação de figuras barcelenses que marcaram a sua época e, por isso, devem ser exemplo para todos nós.

Barcelos, 5 de Fevereiro de 1999

1 – Uma vida dedicada ao trabalho e ao semelhante

“ Todo aquele que, podendo fazer bem e o não faz, é um malvado. Eu não pretendo que o homem chegue a assemelhar-se a um anjo, porém, concordo que o ser humano, que ocupa o principal lugar na criação, não é dono da sua inteligência porque a deve ao mundo inteiro.

Quando o homem não prejudique os seus interesses, que lhe custa dar a conhecer os seus pensamentos para que, dado o caso da humanidade os encontrar bons, os utilize e deles tire proveito?”¹.

Estas palavras simples e sinceras, de um homem modesto e de uma grande afabilidade, são demonstrativas do espírito voluntarista e altruísta de D. José Domenech, características que o haviam de marcar profundamente e determinar toda a sua actividade profissional.

D. José Domenech nasceu em Denia, província de Alicante, Espanha, em 2 de Fevereiro de 1868 e faleceu em Lisboa, na casa de saúde de Benfica, vítima de angina de peito, em 20 de Maio de 1928, com apenas 60 anos². Para a capital tinha seguido, três dias antes, com o seu sobrinho, Manuel Badia e os seus médicos amigos, Drs. João Cardoso de Albuquerque e Francisco Torres para fazer exames, pois a diabetes e os problemas cardíacos vinham-lhe minando a existência. Os restos mortais chegaram a Barcelos no dia 22, terça-feira, no comboio correio da manhã. A urna foi conduzida aos ombros de parentes e empregados das várias fábricas, seguiu pela avenida Alcides de Faria, em direcção à casa do extinto, no Campo da Liberdade (actual Campo 25 de Abril), ficando aí depositado, em câmara ardente, na sua sala de trabalho. Nesse dia, e no dia seguinte, milhares de pessoas prestaram-lhe homenagem, num último adeus. O seu funeral, que seguiu a tradição espanhola, directamente

¹ Folha da Manhã, nº1578, 25/1/1909.

² No Registo de Óbito nº 96 do Maço nº 3 da 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, D. José surge como filho de Francisco Domenech e de Vicenta Domenech e como tendo deixado testamento. Entretanto, por sentença do juiz de direito da terceira vara civil da comarca de Lisboa, de 12 de Julho de 1928, foram feitas as seguintes rectificações : O falecido chamava-se José Domenech Y Domenech, também usando o nome de José Domenech, era filho de Josefa Domenech e não deixou testamento.

da sua residência para o cemitério municipal de Barcelos, passando pela avenida Alcades de Faria, centro e sul do Campo da República (actual Campo da Feira) e sul do Campo da Granja, foi um dos maiores de sempre realizados em Barcelos, envolvendo cerca de duas mil pessoas, o que prova a consideração e estima que os barcelenses tinham por ele, bem como as suas boas qualidades de homem e de empresário.³

Era filho de D. Francisco Domenech, natural de Denia e de D. Josefa Domenech, natural de Ondara, ambas as localidades da província de Alicante, Espanha. Casou com D. Antónia Badia Puig⁴, também natural de Denia e que faleceu, quase um ano depois, em 11 de Abril de 1929, no seu palacete do Campo da Liberdade (actual Campo 25 de Abril), em Barcelos, com 77 anos. Era irmão de D. Juan Bautista Domenech, importante industrial e capitalista em Denia, único dos irmãos ainda vivos quando D. José faleceu⁵. Com ele viviam dois sobrinhos da sua mulher, D. Maria Badia e D. Manuel Badia.

Da terra onde nasceu partiu para Tuy, em 1900, com 32 anos de idade, a fim de dirigir a fábrica de serração " Juan B. Domenech", fixando-se, por volta de 1904, em Barcelos. Aqui, construiu e pôs a funcionar, em pouco tempo, uma fábrica de serração, junto à estação de caminho de ferro. Depois, construiu fábricas do mesmo tipo, todas elas filiais da grande fábrica de Tuy, em Marrancos, Ponte do Bico, Laundos, Nine, Barroselas e S. Bento da Várzea.

Dedicou a Barcelos cerca de vinte e cinco anos de trabalho, tendo sido um grande impulsionador do seu desenvolvimento económico. Foi negociante e fabricante de madeiras para exportação, valorizando, ao mesmo tempo, os nossos pinhais. Dotado de grande espírito de iniciativa e fazendo do trabalho o lema principal da sua vida, a sua actividade empresarial era sobejamente reconhecida : *"Era alguém, alguém de singular valor neste meio, como, aliás, o seria em qualquer outro, por maior que fosse, onde a sua fecunda actividade se fixasse para vitoriosamente esplender as múltiplas e poderosas aptidões, de que deu sobejas provas."*⁶

³ O Barcelense, ano 18, nº 896, 26/5/1928. Além de centenas de operários das fábricas, bem como gerentes e representantes do pessoal da fábrica de Tuy, e numerosos amigos do Porto, Braga e Viana, participou no funeral grande parte da população da então vila. O comércio encerrou as suas portas e as bandeiras de todas as associações foram colocadas a meia haste.

⁴ Era filha de Vicente Badia Morató, natural de Valência-Espanha e de Antonia Puig Paris, igualmente de Denia.

⁵ Tinha falecido, entretanto, o irmão, D. Salvador Domenech, em Dénia, em Agosto de 1921. Seus sobrinhos eram : D. Salvador Domenech, residente em Barcelos, D. Francisco Domenech, residente em Denia e D. Manuel Senti Domenech, filho de uma sobrinha, que trabalhava na fábrica de Tuy, ambos muito conhecidos e estimados em Barcelos.

⁶ A Opinião, ano 3, nº 126, 24/5/1928.



Pormenor da Parada Agrícola de 1909.

Embora não possuísse grande instrução, tinha uma inteligência viva e perspicaz, movida por uma grande capacidade de trabalho e de doação ao próximo: “*espírito penetrante e lúcido com uma alta compreensão da vida moderna*” e uma “*tenacidade de apóstolo*”⁷. Os problemas económicos e financeiros também o preocupavam e, por isso, chegou a escrever, em 1918, um opúsculo intitulado “*Problemas Económicos : o fomento da riqueza nacional e a baixa dos câmbios. Soluções tendentes a resolver estes problemas*”.

D. José Domenech foi um activo propagandista da agricultura, actividade a que se dedicou, para dar o exemplo, incentivando os agricultores à cultura intensiva da terra, à irrigação dos terrenos e à utilização de adubos químicos. Patrocinou mesmo uma visita à região Valenciana, de representantes da comunicação social local, para darem a conhecer a sua riqueza agrícola e os métodos empregues no cultivo da terra.

Foi um dos maiores entusiastas das paradas agrícolas que se rea-

⁷ Era Nova, ano 1, nº 18, 16/2/1911.

lizavam por altura das Festas das Cruzes, tendo feito parte de diversas comissões organizativas. Em sinal de reconhecimento pelo entusiasmo e dedicação que demonstrou na organização da “impressionante” parada agrícola realizada nas festas de 1909, uma publicação local⁸, interpretando o sentir do povo de Barcelos, prestou-lhe significativa homenagem, salientando a sua faceta de grande industrial, apoiante da agricultura e de benemérito : “*E de tal ordem o ilustre industrial se dedicou ao povo barcelense que é hoje rara a pessoa que com ele não tenha falado e que não sinta por ele a mais arreigada simpatia e que lhe não tribute a mais sincera admiração*”. E acrescentava-se ainda : “*É um dos homens que, apesar de não ser de nacionalidade portuguesa, mais se empenha e trabalha pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento da nossa agricultura, procurando sempre, por meios muito práticos, incentivar no espírito do lavrador a necessidade de tratar a terra e de fazer com que ela aumente a produção.*”

Nessa parada apresentou três carros, um, com toros de pinheiro; outro com madeiras preparadas para embalagem; e o terceiro com a cultura da cebola e sua embalagem, o qual obteve a medalha de prata. Ao longo do cortejo, distribuiu milhares de prospectos, fazendo a propaganda daquela cultura, bem como do cultivo do trigo e de outros cereais⁹.

Em 21 de Dezembro de 1912, naturalizou-se português, demonstrando a sua afeição por Portugal e por Barcelos. Já há muito que os barcelenses o consideravam como seu conterrâneo. Este acto caiu de tal modo na consciência daquele industrial que se viu na necessidade de fazer um agradecimento público explicando os motivos que determinaram tal facto :

- “*Tive grandes desgostos no povo em que pela primeira vez vi a luz do dia. Entendi que devia procurar outro lugar menos ingrato onde pudesse trabalhar nesta tão curta e acidentada vida.*

Encontrei em Barcelos, povo extremamente pitoresco, cujos filhos têm tido, desde o princípio, uma amabilidade para comigo que não tem limites.

Como pagar-lhes tão grande favor?

Não podia oferecer tão grande, como as energias do meu trabalho e contar-me entre eles como um português, quer dizer, tornar-me de nacionalidade portuguesa.”¹⁰

⁸ Barcellos Revista, 2ª quinzena de Julho, nº 11, 1909.

⁹ Folha da Manhã, 6/5/1909.

¹⁰ Era Nova, ano 3, nº 116, 2/1/1913.

A carta de naturalização - que vinha dentro de uma rica pasta de marroquim com aplicações de prata, onde se podia ler : *“Barcelos ao seu novo compatriota e prestante cidadão – D. José Domenech “*, foi-lhe entregue, em sua casa, pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Miguel Fonseca, em 30 de Março de 1913¹¹. Um semanário local¹² considerava justa a homenagem, evidenciando a sua faceta de empresário e de benemérito : *“Grande e bem digna de um povo que se presa de ser honrado e grato foi essa homenagem que Barcelos prestou no Domingo ao nosso novo compatriota snr. D. José Domenech, que entre nós se tem revelado eloquentemente como um grande propugnador do trabalho que engrandece e faz progredir os povos, e que constantemente espalha o lucro que do trabalho auferem em benefício das mais prestáveis associações locais, da miséria, dos que sofrem.”*

Foi um defensor acérrimo do cooperativismo como meio de regularizar o mercado. Em defesa dessa ideia, apresentava exemplos concretos : *“Para defender os povos, baratear a vida, precisa-se da união da pátria pequena ou seja a união do concelho, formando uma cooperativa com 100:000\$00 escudos divididos em acções de 10\$00 com uma direcção que seja retribuída pelos seus trabalhos (...). Mandaríamos para fora as sobras, essas nos trariam ouro, esse ouro tornaria as libras baratas, e o que tivéssemos de comprar fora resultaria nuns 40 ou quem sabe, nuns 100% mais barato, do que compramos agora.”*¹³ Foi mesmo, em Abril de 1921, um dos sócios fundadores da Cooperativa Barcelense, uma cooperativa de consumo, produção e venda, com o capital de 30.000\$00, em 15 acções de 20\$00, tendo sido eleito para a primeira direcção. Esta cooperativa foi formada na sequência da grave crise económica que Portugal

¹¹ Idem, ano 3, nºs 121, 128 e 129, 6/2, 27/3 e 3/4/1913. O Barcelense, nº 111, 6/4/1913. A convite da Câmara Municipal organizou-se um grande cortejo, em que tomaram parte as entidades oficiais e pessoas de todas as camadas sociais. A abrir, uma banda de música, que saiu do largo do Município, às 14 horas, e se dirigiu a sua casa, no Campo de S. José. Vários oradores proferiram “discursos vibrantes de entusiasmo” em honra do novo cidadão português. D. José agradeceu, registando-se calorosos vivas a Barcelos e à sua pessoa.

¹² Idem.

¹³ O Barcelense, ano 7, nºs 312 e 314, 24/2 e 10/3/1917. Esta ideia foi defendida numa carta dirigida ao director deste órgão de imprensa, em resposta a um artigo onde se noticiava que a sua fábrica vendia a lenha das aparas da madeira (que tinha atingido preços muito elevados, pois os pinheiros estavam caros) para as fábricas do Porto, em vez de continuar a vendê-la às classes mais desfavorecidas locais. Em resposta, o director daquele semanário referia a campanha do jornal contra a carestia de vida e os especuladores.

atravessava¹⁴. Todavia, sem conhecermos os motivos, D. José Domenech e Gonçalo Pereira renunciaram, em Março de 1922, aos cargos para os quais foram eleitos.

Procurou ainda contribuir para a organização de uma Federação das Cooperativas do Norte, promovendo uma reunião, em sua casa, com os dirigentes das cooperativas de Barcelos, S. Pedro da Cova e Póvoa de Varzim.¹⁵ Chegou mesmo a montar, na sua residência, um estabelecimento de géneros alimentícios para regularizar os preços e uma oficina de refinação de açúcar¹⁶.

Norteava a sua vida pelos ideais liberais e democráticas, com grandes preocupações de ordem social, como já assinalámos, mas nunca militou em nenhum agrupamento político, apesar de ter participado, depois da implantação da República, com os republicanos locais, em campanhas de esclarecimento agrícola.

A situação política no seu país de origem mereceu-lhe sempre uma atenção muito especial. Em Outubro de 1910, telegrafou a “O Mundo” felicitando este jornal pelo artigo de fundo sobre a Espanha e apelando à defesa da liberdade¹⁷. Em Março de 1912, enviou um telegrama ao presidente do governo espanhol, D. José Canalejas, pedindo o indulto da pena de condenação à morte dos “desgraçados réus de Cullera”¹⁸.

Homem de acção, prestante e útil, auxiliou diversas instituições

¹⁴ O Barcelense, ano 11, nº 529, 30/4/1921 e 30/11/1921. A reunião de constituição da cooperativa teve lugar, no salão nobre da câmara municipal, com a presença de presidentes da junta, párcos e professores primários. Em nome da comissão organizadora, o conde de Vilas Boas falou do cooperativismo como solução para resolver o “grave problema das subsistências” e D. José referiu que o futuro da sociedade residia no espírito colectivista e nos sentimentos altruístas dos cidadãos. Além de D. José, foram fundadores da Cooperativa Barcelense, o Conde de Vilas Boas, major Vila Chã Leite, Padre Manuel Esteves, Artur Roriz, Dr. Morão de Campos, Manuel Vieira Azevedo, João da Cruz Miranda, João Baptista Maciel e Francisco Alves Simões. A escritura pública foi realizada em 25 de Novembro de 1921 no cartório do notário Augusto Matos Lopes d’Almeida. Idem, ano 11, nº 523, 19/3/1921. Até aí alguns barcelenses, tais como Plácido Lamela, Manuel Vieira Azevedo e alferes Costa eram sócios da Cooperativa Bracarense a quem deviam entregar até ao dia 20 de cada mês os géneros de que necessitavam para o mês seguinte.

¹⁵ Palestrando, in “O Barcelense”, ano 11, nº 556, 5/11/1921. A esta reunião assistiram ainda o Presidente da Câmara, o Administrador do Concelho e Albino Leite, jornalista de “O Barcelense”. D. José mostrou cerca de 40 mantas e uma pipa de vinho branco, de valor superior a um conto, oferta de um amigo para a cooperativa. O articulista defendia a criação duma secção de adubos químicos sob a direcção de Joaquim Matos, “incansável propagandista de há 25 anos”.

¹⁶ Idem, ano 17, nº 896, 26/5/1928. Opinião, ano 3, nº 126, 24/5/1928.

¹⁷ Era Nova, Outubro de 1910.

¹⁸ Era Nova, nº 64, 1/4/1912. Canalejas respondeu que não se podia antecipar à decisão do conselho de ministros.



Residência de D. José Domenech no Campo 25 de Abril.

barcelenses e mandou ainda distribuir pelos pobres, gratuitamente, géneros alimentares, como a batata ou a preços módicos, como o peixe e o milho.

O seu espírito magnânimo e de grande iniciativa, impelia-o às mais diversas acções em prol do semelhante. Neste aspecto significativa é a carta que dirigiu, em 17 de Março de 1925, a José Pereira da Quinta, aquando do falecimento de Tomás José de Araújo:

“ Meu muito distinguido amigo :

Há coisas que não podem passar despercebidas. Passou a melhor vida o nosso bom amigo sr. D. Tomás José de Araújo, que desempenhou o seu papel de comerciante, com nobreza.

Cumpriu os seus compromissos, quer por escrito, quer por palavra, e ganhou fortuna e não gastou.

Foi um bom marido e um grande pai. Admirei-o em vida, como trabalhador e como homem, e continuarei a admirá-lo.

Que descanse em Paz.

Agora rogo ao amigo Quintas, por ser o mais velho no comércio,

que procure o sr. João Duarte e o sr. Aurélio Ramos para que a indústria e o comércio fechem às 3 horas para acompanhar o saudoso Tomás José de Araújo à última morada.

Esta homenagem é bem merecida.

Seu amigo obrigado

José Domenech”

Para Barcelos fez convergir uma numerosa colónia do levante espanhol, a maior parte da qual constituída por seus conterrâneos, de que ainda hoje existem descendentes.

A sua personalidade e a sua acção marcaram de tal modo a vida social e económica de Barcelos que este pioneiro da indústria em Barcelos merecia a edificação de um monumento¹⁹ ou quando muito a atribuição do seu nome a uma artéria citadina, já que a força demolidora do caterpillar destruiu, há poucos anos, o seu chalé, onde viveu e viveram os seus familiares, no Campo 25 de Abril.

Assim, a sua memória ficaria perpetuada, como exemplo de cidadão trabalhador e honrado e pelos serviços que prestou a Barcelos.

¹⁹ O Barcelense, ano 32, nº 1701, 6/11/1943. Já o Dr. Joaquim Gualberto de Sá Carneiro propunha a edificação de um monumento em sua memória.

2 – Um defensor do desenvolvimento industrial

D. José Domenech foi fundador e sócio gerente, em Barcelos, da fábrica de serração a vapor “J. Salort & C^a”. Situada junto à estação de caminho de ferro, a fábrica começou a construir-se no 1º semestre de



Operários da Fábrica Domenech, em frente da casa das máquinas.

1905²⁰. Passou por várias modificações, tendo em vista aumentar a sua capacidade de laboração, face ao aumento crescente de encomendas. Assim, passados dois anos, a fábrica não se podia ainda considerar definitivamente instalada²¹.

²⁰ Comércio de Barcelos, ano 16, nº 796, 4/6/1905. Referia que iam adiantados os trabalhos da construção dos pavilhões da fábrica de serração e “outras indústrias” junto à estação de caminho de ferro.

²¹ Folha da Manhã, nº 1452, 27/5/1907. D. Fernando João Burriel, um dos engenheiros que colaborou na montagem da fábrica em Barcelos, faleceu em Denia, em Agosto de 1906. Comércio de Barcelos, ano 17, nº 838, 12/8/1906.

Começou por arrendar o terreno, encomendar as máquinas e definir tudo o que era necessário. Entretanto, o proprietário do terreno queria voltar atrás com o negócio, e D. José esteve mesmo para desistir da ideia, mas, como teria de pagar verba avultada de indemnização à firma a quem encomendou as máquinas, prosseguiu com o projecto.²²

Não sabemos, ao certo, as razões que o terão levado a instalar-se em Barcelos e a montar uma fábrica de serração. Mas não nos enganaremos muito se dissermos que a sua fixação nesta região teve em conta a inexistência de indústrias de serração, a localização de Barcelos, próximo de Tuy, onde existia a fábrica mãe, com acessos fáceis, designadamente através da linha férrea, a existência de extensas áreas florestais e o clima ameno²³.

Da descrição física da fábrica de serração, sabemos que havia grandes estufas construídas em tijolo, no lado sul, ligadas à grande dependência destinada a serragem; em frente a estas, para norte, existiam outras estufas, seguindo-se as casas das máquinas, habitações e escritórios, em ligação também com a dependência de serragem, que constituía a parte mais importante da fábrica. Havia ainda um grande depósito ou tanque da fábrica.²⁴

A instalação da fábrica, “o maior benefício que ultimamente temos recebido”²⁵ veio trazer assinaláveis progressos às economias barcelense e minhota. Não só pela criação de inúmeros postos de trabalho, mas também pela valorização da área florestal. Ao garantir escoamento para a produção pinífera que, até então quase exclusivamente se limitava à pequena exportação de toros de madeira para Inglaterra e à lenha para uso doméstico, contribuiu para o desenvolvimento dos pinhais e prosperidade dos seus proprietários.²⁶

Barcelos não tinha, praticamente, indústria nos inícios do século, sendo um concelho essencialmente agrícola baseado na cultura do milho e do vinho e na criação do gado bovino, embora esta actividade estivesse em decadência. Vivia-se do “trabalho mercantil da feira” e do “burocratismo

²² O Barcelense”, ano 32, nº 1701, 6/11/1943.

²³ Idem. Interessante é a explicação dada pelo Dr. Joaquim Gualberto Sá Carneiro. “De certo, passou aui, no comboio : gostou da região; era águia, viu logo que era bem fácil fazer progredir Barcelos, onde, por assim dizer, não havia indústria e a lavoura era rudimentar.

De certo, também encontrou no comboio alguém, talvez o Joaquim Vinagre, com quem conversou e a quem se afeiçoou e o amigo casual informou-o da região.”

²⁴ Folha da Manhã, nº 1456, 25/7/1907. Ordem de serviço nº 366 do 1º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, Manuel Pereira Esteves, na sequência de um grande incêndio, em 12 de Julho de 1907.

²⁵ Idem, nº 1452, 27/5/1907.

²⁶ O Barcelense, ano 17, nº 896, 26/5/1928

do foro”²⁷, existindo apenas uma pequena indústria, que teve pouca duração, “A Barcelinense”, da firma Leão & Dias, uma fábrica de ferragens que funcionou, primeiro, em Barcelinhos, e depois junto da avenida 11 de Fevereiro (actual Alcaldes de Faria) ²⁸, além das indústrias de fabrico de telha e de louça de barro, que empregavam muitas centenas de pessoas.

A pobreza da nossa indústria era de tal modo evidente que nem sequer nos fizemos representar na exposição industrial do Porto de 1897 : “*Barcelos não tem vida industrial; os nossos capitalistas são de uma retracção que causa dó*”²⁹. Gorou-se, assim, a ideia do comendador Coelho da Silva, proprietário de uma fábrica de sabão e de bebidas alcoólicas, na então vila, que pretendia dotar Barcelos de uma importante indústria, tendo para o efeito, reunido várias vezes, com alguns capitalistas e comerciantes barcelenses.³⁰

Já em meados do século, mais concretamente em 1866, quando “os tecelões da nova fábrica de Joane” estabeleceram aqui, junto à ponte medieval, uma fábrica de colins, com cinco teares, a opinião à cerca da nossa classe empresarial não era das mais favoráveis : “*É este um grande melhoramento para Barcelos, infelizmente, porém, não empreendido por filhos seus que desses, uns integram-se nos misteres de seus pais e os outros dão-se pela maior parte à preguiça e a um nada fazer ainda que a cometimentos de tal ordem.*”³¹

D, José Domenech foi um dos pioneiros do estabelecimento da indústria em Barcelos. Outros dois homens, na primeira metade deste século, tiveram papel decisivo na sua implantação. João Duarte Veloso, barcelense empreendedor e benemérito, lançou as bases da indústria têxtil neste concelho, indústria que ainda hoje é o sustento de milhares de famílias e fonte de rendimento e de progresso. Em 1921, fundou, associando a si, com quotas mais pequenas, diversos amigos de Barcelos e do Porto, uma fábrica de passamanarias, “A Barcelense, Limitada” que fabricava gravatas, rendas, fitas e guarnições. Em 1923, funda, conjuntamente com Amadeu Duarte de Azevedo, António Guilherme Nunes Hall, Eugénio Roriz de Azevedo e Jorge Cardielos, a Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos. Mais tarde, em 7 de Fevereiro de 1945, a firma “João Duarte & Companhia, Limitada” associa-se à criação da “Empresa Têxtil de Barcelos, Limitada”, conjuntamente com Mário Campos Henriques, o sócio maioritário,

²⁷ A Opinião, ano 3, nº 126, 24/5/1928.

²⁸ “Folha da Manhã”, nº 1455, 18/7/1907. Pertencente a Manuel Gomes Dias, destinava-se às indústrias de serralharia, moagem de cereais e serração de madeira, sendo esta última explorada pela “Aurificia” do Porto.

²⁹ Pancrácio, Cartas d’Aldeia, in Comércio de Barcelos, 28/11/1897.

³⁰ O Comércio de Barcelos, 22/7/1894.

³¹ Jornal do Povo, ano 3, nº 117, 30/8/1866.

António Nunes Hall, “Cândido Gonçalves Pereira & Companhia, Limitada”, Dr. Francisco Torres, Luís Pinheiro, Óscar Alçada, Alberto Guimarães, Pedro Vasconcelos e Marcelo Serrão da Veiga. Esta empresa tinha como principal objectivo a exploração da indústria de malhas e passamanarias.

Estavam assim lançados, em meados deste século, os fundamentos da indústria de malhas que ia determinar o tecido económico e social deste concelho durante o segundo milénio.

Dado que a indústria de serração trabalhava com produtos facilmente inflamáveis, registaram-se na Fábrica Domenech alguns incêndios. O primeiro teve lugar, em Julho de 1907, o maior que se registou em Barcelos até àquela data, mas que ao fim de cerca de três horas estava apagado pela acção dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, operários e populares. Dois anos mais tarde, registou-se outro incêndio, numa das estufas junto à casa das máquinas³². Em 21 de Julho de 1938, pelas 5 horas da manhã, ocorreu outro importante incêndio, que destruiu a secção de serração, tendo-se registado prejuízos de algumas centenas de contos.

D. José Domenech também se dedicou à produção de cal. Junto à sua fábrica de serração, construiu dois fornos para calcinação da pedra calcárea. Ora, a instalação destes fornos representava um grande benefício, pois o preço da cal baixaria 40 a 45% do preço dos fornos de Fão³³. Num anúncio prévio, como era de lei, a convidar as autoridades públicas e gerentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem, por escrito, na Administração do Concelho, as suas reclamações, mostravam-se os inconvenientes deste tipo de indústria: “*muito fumo e risco de incêndio pela acumulação de combustível*”, mas salvaguardava-se que nenhum prejuízo podia causar, dada a altura dos fornos, a distância a que ficam das casas mais próximas e a grossura de parede que os separa do terreno vizinho ao sul³⁴.

Esteve ainda ligado à fundação da “Saboaria Barcelense, Lda.”, uma fábrica de sabão, fundada em 23 de Março de 1923 e que funcionou no lugar das Pontes, em Arcozelo, onde existe hoje, a fábrica C.E.E.

Apologista do trabalho e de vistas largas, D. José Domenech defendeu que Barcelos podia ser um grande centro industrial, sendo necessário criar indústrias que tivessem em conta as características do meio.

³² Folha da Manhã, nºs 1455 e 1456, 18 e 25/7/1907. Para explicar os pormenores do incêndio foi publicada uma ordem de serviço do 1º Comandante dos Bombeiros V. de Barcelos, Manuel Esteves. Idem, nº 1571, 7/10/1909.

³³ Idem. A cal custava 720 réis por cada 60 quilos, podendo agora ser comprada a 400 ou 420 réis.

³⁴ Idem, nºs 1455, 18/7/1907.

Assim, propunha que se construíssem fábricas de chapéus e gorras, de roupas e de serralharia e de fundição para construir máquinas de tirar água e garantirem a sua manutenção. Depois, vinham as fábricas de sabão, de fazer pregos, de moagem do trigo, de guardas-chuvas e de calçado, indicando mesmo o número de operários que tais fábricas empregariam. Ora, tal implantação de indústrias, traria, na sua opinião, grandes benefícios para o nosso concelho : “ *Havendo tudo isto trabalhariam muitas mais modistas do que hoje, como também maior número de alfaiates; teríamos mais trabalhadores nos campos porque o consumo aumentava e fatalmente as terras tinham de produzir mais e a lavoura seria melhor retribuída; construir-se-iam novos prédios e mais emprego; finalmente quando se produz muito, o dinheiro corre de mão em mão e ninguém pede esmola, nem rouba galinhas ou vai encher hospitais. O trabalho é a riqueza, a felicidade.*” Tendo como princípio o valor da terra, e citando o Porto como termo de comparação, embora com as devidas diferenças, afirmava que Barcelos tinha também os seus consumidores nas suas noventa e cinco freguesias. A sua “grande fábrica” eram os campos, a sua matéria prima era a terra e o carvão eram os adubos químicos , tudo isto produzido pelo operariado³⁵.

Depois da sua morte, a partir de Julho de 1928, a firma “Juan B. Domenech, Limitada”, passou a ter como sócios D. Juan Bautista Domenech Y Domenech, D. Salvador Domenech e D. Vicente Mahiques Senti.³⁶ O seu objecto era : o comércio de compra e venda de madeiras, a exploração de serrações mecânicas, o fretamento de vapores para o exercício do seu comércio e indústria, a exportação de pinheiros e madeiras e quaisquer outros artigos que a sociedade resolvesse explorar, menos o bancário.

Após a morte do sócio D. Juan Bautista, único dos irmãos de D. José ainda vivo, as relações entre os outros dois sócios, D. Salvador Domenech e D. Vicente Mahiques Senti começaram a apresentar sinais visíveis de degradação, desencadeando-se uma guerra jurídica que se prolongou por bastante tempo.

Durante o Verão de 1930, D. Vicente, afectado por problemas de

³⁵ Era Nova, ano 1, nº 18, 16/2/1911. Numa conferência realizada na sede da Associação de Empregados no Comércio. Presidiu o Presidente da Câmara, Dr. Cardoso de Albuquerque, secretariado pelo Dr. Martins Lima e pelo Presidente da Associação Comercial, João Cruz. “Foi um grande e utilíssimo trabalho bem à altura da actividade e vivíssima inteligência do importante industrial.” O Barcelense, ano 1, nº2, 19/2/1911. Felicita-se D. José pelas suas ideias empreendedoras, mas criticam-se os capitalistas barcelenses por nada fazerem pelo engrandecimento e riqueza de Barcelos.

³⁶ A escritura feita em 2/7/1928, no notário Dr. Augusto Matos Lopes de Almeida, definia uma sociedade por quotas, respectivamente de 997.000\$00, 2.000.00 e 1.000.00. D. Juan Bautista foi representado por D. Francisco Domenech Beltran.

saúde, regressa a Dénia e desiste da gerência, como é dado a conhecer aos restantes sócios em carta de 8 de Setembro. E, numa outra datada de 14 do mesmo mês, dirigida a D. Salvador, dá conta dos vários interesses em jogo, numa visita que fez a D. Josefa Bisquete Tomás, viúva de D. Juan Bautista Domenech. Esta estaria interessada em dar -lhe amplos poderes para administrar as empresas em Portugal, mas, tendo em vista os *“muitos anos que havia estado contigo e das boas relações que mantivemos, e, tendo em conta a conveniência da minha saúde”*, D. Vicente não aceitava.³⁷ Este, todavia, alguns meses mais tarde, mudaria de opinião e desencadearia uma luta no sentido de retomar a gerência. Em 21 de Novembro do referido ano, reassume as suas funções e denuncia a tentativa de pôr em causa a sua qualidade de gerente, alegando, em sua defesa, o facto de não ter sido exonerado, nem ter sido revogado o seu mandato em assembleia geral. Assim, convoca duas assembleias gerais de sócios da empresa para os dias 15 de Dezembro e 10 de Janeiro, sendo esta última para votarem a sua dissolução. Os outros dois sócios, D. Salvador e o seu irmão D. Francisco Domenech Beltran que pretendiam que aquele lhes cedesse a quota, acusam-no de *“pessoa duplamente incompetente”* e consideram sem efeito essa convocação, pois D. Vicente não era gerente da sociedade, dado que tinha renunciado ao cargo, a convocação da assembleia geral tinha que ser previamente anunciada nos jornais da terra e no Diário do Governo (o que não foi feito, neste último caso) e estava pendente uma acção de dissolução da sociedade, com o arrolamento dos bens sociais.³⁸

Esta situação de indefinição na gerência prolongou-se de tal modo que a fábrica esteve encerrada. O Conde de Vilas Boas, então Presidente da Câmara e Administrador do Concelho, interveio mesmo no conflito, mostrando a necessidade da fábrica começar a trabalhar. Embora a sua intervenção não tivesse tido eco, conseguiu mesmo assim que a viúva de D. Juan Bautista Domenech pagasse três dias de salário no Natal de 1931³⁹.

Este conflito acaba com a constituição de uma nova sociedade, a firma “ Fábrica de Serrações Mecânicas de Viúva Juan B. Domenech, Lda” onde o sócio gerente D. Vicente Mahiques Senti assume um papel de relevo. A fábrica, que também ficou conhecida pela fábrica dos galegos, nem sempre conheceu períodos de prosperidade, atravessando algumas dificuldades financeiras, encerrando mesmo na década de 60 deste século.

³⁷ O Barcelense, ano 20, nº 1027, 29/11/1930.

³⁸ A Opinião, ano 5, nº 377, 29/11/1930. O Barcelense, ano 20, nºs, 1028 e 1029, 6 e 13/12/1930.

³⁹ O Barcelense, ano 21, nº 1033, 10/1/1931.

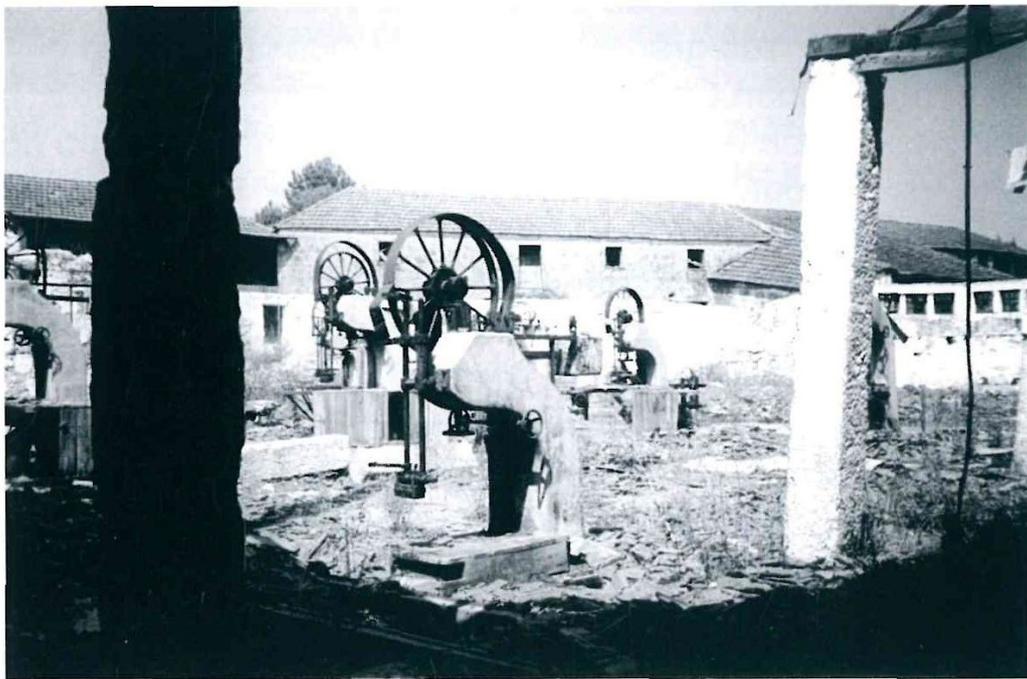


Equipa de futebol do "Triunfo Sport Club". Ao centro, sentados nas cadeiras, os seus principais dirigentes: a partir da esquerda, D. Domingos, D. Salvador Domenech e José Maria de Jesus.

A fábrica de serração Domenech chegou a patrocinar dois grupos de futebol, o Triunfo Sport Club e o Operário F. C., em que os dirigentes e jogadores eram, na sua grande maioria, oriundos da fábrica.

Do Triunfo Sport Club sabemos que o campo de futebol, bem próximo da fábrica (onde existe actualmente, o chamado campo do Andorinhas) teria sido inaugurado no mês de Agosto de 1922. Temos conhecimento ainda dos seus corpos gerentes eleitos em Agosto de 1925 que passaram a ficar assim constituídos: Assembleia geral – Presidente e Vice-Presidente: Jaime Mestre Mary e Manuel Maria de Sá e secretários: Eduardo F. Ramos e Albino G. da Cruz. Direcção – Presidente – D. Salvador Domenech; Vice-Presidente – Alberto Vizen; Tesoureiro – José Maria de Jesus; Secretários – Gregório Fonseca e Ezequiel M. Pilar e vogais Domingos Arezes e Manuel Araújo. Conselho Fiscal – Presidente e secretários – Francisco Mahiques, Vicente Mahiques e Vicente Ausina.⁴⁰

⁴⁰ A Verdade, ano 1, nºs 21, 23, 17 e 31/8/1922 e ano 3, nº 150, 5/2/1925.



Fábrica Domenech já desactivada.

3 - Um entusiasta pela agricultura

*“Nunca me cansarei de recomendar a maior atenção para a agricultura, que é o futuro, e guerra aberta a todo aquele que engana o necessitado lavrador, que sempre sofre, levando a carga do trabalho sem que se lhe preste o necessário auxílio. Cuide-se a valer da agricultura, cultive-se cebola, batata e trigo e plante-se a oliveira e todas as árvores de fruto, procure-se dar à terra a água bastante e bons adubos químicos e a felicidade será completa.”*⁴¹

A preocupação pela agricultura dominava o pensamento de D. José Domenech que via nesta actividade uma grande fonte de riqueza. Proveniente de uma região agricolamente rica, procurou pôr em prática o exemplo da “Huerta Valenciana”. Para concretizar o seu projecto de desenvolvimento da agricultura barcelense e de promoção do agricultor, defendeu, com ânimo e vigor, a diversificação das culturas e, sobretudo, procurou incentivar a cultura intensiva da cebola, produto que na época era muito rentável dados os bons lucros que se obtinham com a sua exportação. Ele próprio procurou dar o exemplo, arrendando a quinta de Santa Marta, junto à sua fábrica de serração, onde fez diversas experiências agrícolas.

Procedendo estudo do seu cultivo, pela comparação de rendimentos entre os diversos géneros de culturas e pela observação directa da cultura em Valência, D. José chegou à conclusão de que o rendimento da cebola, comparado com o do milho ou mesmo do trigo, era superior ao dobro. Partindo deste pressuposto : no mesmo terreno, se o rendimento líquido máximo obtido na cultura do milho se podia representar por 5, esse mesmo rendimento, para a cebola, nunca seria inferior a 10, concluía que, quando fosse possível exportar 200 quintais de cebola, isso traria grande riqueza para o concelho de Barcelos.⁴²

A agricultura da sua quinta, que produzia, em Julho de 1908, dez vezes mais do que anteriormente, era uma “cultura digna de vista”, e, só em cebola, a produção era superior a cerca de 1.700 quintais. Por isso, D. José convidava os proprietários e os lavradores a visitarem “essa bela

⁴¹ Folha da Manhã, nº 1578, 25/11/1909.

⁴² Idem, nº 1569, 23/9/1909.

experiência agrícola”⁴³. Em Abril do ano seguinte, os resultados obtidos foram também excelentes e, nesse ano, sendo mais do dobro o terreno destinado a cebola, previa-se que a colheita atingisse os 2.000 quintais. E, com certa ironia, desafiava-se e aconselhava-se o povo a cultivar a terra: *“Vá-se o povo, o nosso lavrador fazendo curioso: vá ver a grande plantação; colha informações e verá então se lhe convém fazer a experiência e depois nos dirá se sim ou não vale a pena cuidar a valer da terra, a nossa melhor amiga, aquela que nunca nos engana senão quando primeiro a enganámos.”*⁴⁴

De início, foi através de conferências, que D. José Domenech procurou divulgar o seu pensamento acerca do que se devia fazer para tornar produtiva a agricultura do concelho de Barcelos.

Em finais de Abril de 1907, na sede da Associação Comercial, proferiu uma conferência sobre a exportação da cebola e o seu cultivo no concelho de Barcelos. Demonstrou, com números, que, adoptando-se esta cultura, o lavrador, na pior das hipóteses, conseguia um rendimento de, pelo menos 10%, obtendo-se um resultado duplamente mais vantajoso do que com a cultura do milho. Mas, para que os proprietários não tivessem dúvidas, D. José comprometeu-se a plantar cebola em 800 metros quadrados de terreno e a mandar vir alguns pés de cebolinho de Denia, terra da sua naturalidade, bem como cacahuet, espécie de ervilha muito nutritiva que, além de se poder comer depois de torrada, produzia azeite de boa qualidade⁴⁵. Cerca de quatro anos mais tarde, numa conferência na sede da Associação dos Empregados do Comércio, para além de divulgar o que pensava acerca do desenvolvimento da indústria concelhia,

⁴³ Idem, nº 1506, 9/7/1908. Neste artigo, ao mesmo tempo informativo e pedagógico, mas também de cariz publicitário, forneciam-se resultados agrícolas. Afirmava-se que a colheita do centeio fora mediana e a do trigo deveria triplicar a do ano anterior, graças aos adubos químicos preparados por Joaquim Matos: “Está mais do que provado que o Minho pode e deve produzir trigo, de preferência ao centeio, desde que os terrenos sejam adubados pelos adubos preparados com “elementos simples” por Joaquim Matos que fornece os adubos segundo a cultura e a composição da terra.” Sobre o tratamento das vinhas refere-se que “estão lindíssimas, bem frutificadas”, quer as que tiveram o tratamento cúprico, como aquelas que só foram tratadas com enxofre. E informava-se que o enxofre ferro-cúprico se vendia, em Barcelinhos, na casa do sr. António Azevedo.

⁴⁴ Idem, nº 1547, 22/4/1909. Os juros do capital empregue na cultura do trigo e na da cebola foram respectivamente 10 e 20%, tendo esta sido vendida a 1.500 réis. Além disso, a cultura da cebola foi marginada por feijão de sopa, produzindo umas 27 medidas, vendidas ao preço mínimo de 1.100 réis. Semeou-se ainda, espaçadamente, milho que produziu mais de um terço da renda do terreno.

⁴⁵ Idem, nº 1444 e 1449, 2/5 e 6/6/1907. A Associação Comercial de Barcelos chegou mesmo a receber de D. José 32 quilos de amendoim ou cacahuet, para distribuir por alguns dos principais proprietários, que os deviam cultivar.

como já referimos, falou da agricultura. Mostrou como se poderiam obter, com vantagem, géneros importados e de como seria fácil exportar para outros países, batatas e cebolas, tal como se fazia com o vinho. Lançou a ideia da constituição de uma associação ou núcleo de voluntários que se transformasse em “missões de propaganda agrícola” pelas freguesias.⁴⁶

Para este projecto de desenvolvimento agrícola, D. José Domenech procurou obter o apoio da Câmara Municipal, dos principais representantes locais dos partidos políticos e da imprensa local. Em 26 de Julho de 1909, promoveu mesmo uma reunião, no escritório da sua fábrica, em que participaram os chefes políticos e a imprensa. D. José falou dos meios necessários para sensibilizar o lavrador para a cultura da cebola, demonstrando os lucros que se podia obter⁴⁷. Em Setembro de 1909, aproveitando a época de veraneio, na praia da Apúlia-Esposende, reuniu no Hotel Vinagre, ao jantar (durante o qual, entre outros pratos, foi servida a famosa “paella”), as individualidades barcelenses que ali se encontravam. Aí, fez a apologia da agricultura, fonte de riqueza, culpando as classes dirigentes pela “inacção”. Defendeu que o concelho de Barcelos, pela sua posição e riqueza do seu solo, devia tornar-se num grande centro de exportação de diversos géneros agrícolas, designadamente de cebola, apelando para a pedagogia junto dos lavradores: *“Façamos prédicas pelos homens do campo chamando-os à felicidade pelo trabalho agrícola consciente: incutamos-lhe a ideia dos adubos químicos e a escolha de terrenos para os géneros de cultivo que mais possam produzir.”* Depois de ter fornecido alguns dados estatísticos sobre a exportação de cebola, mostrando os seus lucros, defendeu que, quando Barcelos conseguisse exportar 50 vapores de cebola, a pobreza desapareceria e todas as classes sociais renasceriam.⁴⁸

Em 18 de Setembro de 1909, promoveu uma reunião na Câmara Municipal que contou com a presença de vários proprietários do concelho e da grande maioria dos regedores das 95 freguesias. D. José falou sobre o cultivo da cebola na Andaluzia - Espanha e ofereceu-se para pagar to-

⁴⁶ Era Nova, 16/2/1911.

⁴⁷ Barcellos Revista, 2ª quinzena de Julho, nº 11, 1909. Folha da Manhã, Julho, 1909. Participaram José de Bessa e Menezes, Conde Vilas Boas, que transmitiu a adesão do conselheiro cónego Domingos José de Sousa, Larcher Marçal, representante da “Barcelos Revista”, João de Sousa, pelo “Comércio de Barcelos”, o Presidente da Câmara de Barcelos, Dr. Augusto Monteiro, que representava também o Dr. Castro Faria, chefe do partido regenerador e a “Folha da Manhã”. Enviou uma carta de adesão o Dr. José Ramos, chefe do partido progressista.

⁴⁸ Folha da Manhã, nº 1567, 9/9/1909. Entre outros participaram os Drs. Martins Lima e Beleza dos Santos e o cónego Domingos José de Sousa. Durante o jantar tocou um terceto, sendo algumas peças acompanhadas a “copophone”. Depois, no palacete do cónego Sousa, e após uma sessão de gramofone, dançou-se até depois da meia-noite.

das as despesas de viagem e estadia, a três pessoas que quisessem ir observar e estudar os processos de cultivo e a produção intensiva naquela região. Nesta reunião, em que participaram também a grande maioria dos líderes dos principais partidos políticos e outras figuras públicas de prestígio, foram apresentadas algumas propostas concretas. O Dr. Martins Lima, chefe local do Partido Republicano, propôs que se fizessem “palestras”, pelas freguesias, aos domingos, incentivando os agricultores a modificarem os processos de cultivo, ao cultivo da cebola e ao emprego de adubos químicos. O Dr. José Ramos, chefe local do Partido Progressista, propôs que se nomeassem duas comissões. Uma, para elaborar um manifesto ao povo do concelho sobre os trabalhos desta reunião, com o objectivo de se sensibilizarem os agricultores para o cultivo da cebola. Devia ainda elaborar uma relação dos agricultores que cultivassem cebola, bem como a respectiva produção. A segunda comissão, de carácter técnico, devia prestar todas as informações e esclarecimentos sobre o referido cultivo.⁴⁹ E, de tal maneira, estas reuniões pareciam surtir efeito que, em carta dirigida ao director do semanário “Folha da Manhã”⁵⁰, D. José dava uma “Buena Noticia”, anunciando que todos os representantes da política barcelense estavam a colaborar na propaganda da agricultura e se comprometiam a fazer experiências das referidas culturas nas suas propriedades. E concluía, de forma optimista : *“a regeneração da agricultura é uma verdade e será uma riqueza para todos os que vivemos neste concelho.”*

Para este projecto, D. José Domenech procurou ainda captar o apoio dos padres, a quem enviou uma pequena missiva com o objectivo de divulgarem junto dos agricultores o cultivo da cebola, batata e trigo e a utilização dos adubos químicos. Mandou ainda distribuir, por todo o con-

⁴⁹ Idem, nº 1569, 23/9/1909. Tais comissões deveriam ser constituídas, respectivamente, por : José de Bessa e Menezes, Dr. Augusto Monteiro, Dr. Vieira Ramos, Dr. Castro Faria, Dr. Martins Lima, Dr. Augusto Matos e Conde de Vilas Boas e Eduardo Marçal, director técnico do Asilo Escola Agrícola, Joaquim Vinagre e Joaquim Matos. A reunião foi presidida por José de Bessa e Menezes. Além deste e dos já referidos, usaram ainda da palavra Joaquim Matos que deu a conhecer os lucros obtidos com a cultura da cebola, o Dr. Augusto Monteiro, Presidente da Câmara e deputado, o conde de Vilas Boas, administrador do concelho, Albino Leite, jornalista da “Folha da Manhã” e Joaquim Vinagre.

⁵⁰ Idem, Nº 1514, de 28/10/1909. Vejamos como tratava os representantes da política barcelense : “simpático e riquíssimo” chefe do partido dissidente, D. José de Bessa e Menezes, o “inteligente” deputado, chefe do partido progressista, Dr. José Ramos, o “bondoso” conselheiro padre Domingos José de Sousa, chefe nacionalista; o “activo” proprietário lutador, ex-deputado e chefe regenerador, Dr. José de Castro Figueiredo Faria; o “democrata” Dr. Martins Lima, que “nasceu republicano e morrerá sendo-o e cujo coração é um torrão de açúcar”.

celho de Barcelos, uns impressos referentes à exportação da cebola, descrevendo as pessoas e as tarefas que eram necessárias, bem como os lucros que daí podiam advir, apostando o que quisessem. Tais prospectos eram do teor seguinte :

“Todos devemos fazer propaganda para que se plante muita cebola. Quando conseguirmos que o concelho de Barcelos produza um milhão de quintais de cebola, teremos duas mil famílias trabalhando.

Fazendo 1.000\$00 de caixas de cebola, temos 8 meses para mandá-las a Inglaterra, ou seja, de Agosto a Março inclusivé. Representam 200 dias de trabalho a 5.000 caixas diárias.

Precisa-se o seguinte :

125 carreteiros para transportes. 125 mulheres cortando erva para sustento do gado. 250 mulheres para encaixotar cebola. 200 homens para marcar as caixas e carregá-las. 250 carpinteiros para armar e tapar caixas. 30 homens na estação para carregar 30 vagões que representam 2 combóios especiais. 980 pessoas, no total.

Uma fábrica como a que temos, trabalhando dia e noite só para essas caixas, máquinas para fazer pregos, grande fabricação de cordel para fazer embalagem, 30 carros diários em Viana do Castelo para transportes para a doca, 15 homens na estação, carregando carros e descarregando vagões. 50 homens na doca descarregando carros, um vapor diário e algumas vezes dois, e 30 homens dentro dos vapores.

Ninguém que não o veja, sabe o que isto representa, o benefício que é para a terra, tanto em lojas de mercearia, cafés, etc., como em alfaiates, barbeiros e demais estabelecimentos necessários à vida.

Esta mesma gente, ou mais, se empregará nos campos cultivando a cebola nos 4 meses restantes do ano.

Desenvolvimento do comércio em adubos químicos, agentes comprando, pelas freguesias, cebola ao lavrador, o banco negociando cheques do produto da cebola e umas 30 casas de filhos deste país que sem precisarem de capital se estabelecerão em Inglaterra.

Dez dias depois de sair a cebola, o lavrador que a tenha mandado por sua conta pode ter o cheque em seu poder.

Os que vendam neste concelho cobrarão ao contado.

Para garantia das minhas anteriores afirmações, aposto se é necessário, a quantia que se deseje. ⁵¹

⁵¹Idem, nº 1562, 5/8/1909.

Os semanários locais foram outra via para que D. José pudesse levar a cabo a sua propaganda em favor da agricultura concelhia. Em Novembro de 1909, no mesmo dia em que inseria uma local num semanário barcelense, dispendo-se a comprar cebola pelo preço de 600 réis o quintal, e antecipando 400 réis por cada 56 quilos aos lavradores que desejassem exportar por sua conta para Liverpool e Londres, querendo demonstrar que haveria sempre compradores para a cebola, D. José escrevia um artigo, nesse mesmo jornal, em que apelava à utilização dos adubos químicos, comprados em casas de confiança, e definia a agricultura como a maior riqueza do Minho: *“Como eu tenho a certeza que este solo do Minho é riquíssimo, no dia em que se atender bem a isso e se principie a trabalhá-lo e a adubá-lo convenientemente, Portugal, principalmente o Minho, será um pequeno Brasil.”*⁵² Na imprensa local chegaram mesmo a ser publicados os preços dos produtos agrícolas no porto de Lisboa⁵³, referindo-se que nada *“tocava”* ao Minho pelo que era necessário *“saber cultivar e produzir”* para se retirarem benefícios da exportação. Aconselhava-se os agricultores a deixarem de produzir vinho e a produzirem culturas de *“fácil venda e recompensadoras do trabalho”*, apelando-se, mais uma vez, ao uso dos adubos químicos: *“Se o que o concelho de Barcelos gasta em ferro e arame para ramadas o gastasse em adubos químicos e na construção de nitreiras, ver-se-ia, dentro em pouco, os bons resultados a colher.”*⁵⁴

São vários os artigos publicados no semanário “Era Nova” em defesa da agricultura. Num deles, logo no primeiro ano da fundação do jornal, abordava-se o problema da instrução agrícola, pois era necessário ensinar os agricultores a lerem, dado que a maior parte deles eram analfabetos e ministrar-lhes conhecimentos teóricos e práticos sobre agricultura. Enumeravam-se algumas escolas agrícolas que funcionaram em Barcelos, como as escolas móveis “Maria Cristina” e “José de Beça” e o Asilo Escola Agrícola e da realização das conferências agrícolas pelas diferentes freguesias do concelho. Sugeria-se que as câmaras municipais deviam facultar terrenos para campos experimentais, criando lugares de agrónomos e regentes agrícolas, para efectuarem um ensino prático e constante junto dos agricultores⁵⁵. Mais tarde, mais concretamente, a partir de Agosto de 1911, sob o título genérico de “Em Pró da Agricultura” desenvolvem-se uma série de artigos com periodicidade muito regular, a

⁵² Idem, nº 1578, 25/11/1909. Outros artigos foram escritos por D. José em favor da agricultura.

⁵³ Idem, nºs 1575 e 1577, de 4 e 18/11/1909.

⁵⁴ Idem nº 1576, 11/11/1909.

⁵⁵ Pela Agricultura, in Era Nova, ano1, nº 8, 8/12/1910.

maior parte dos quais assinados por Larcher Marçal.⁵⁶ Um desses artigos é da autoria de D. José, publicado como incentivo à participação na parada agrícola das Festas das Cruzes de 1912. Para melhorar o nível de vida, alimentação e asseio dos trabalhadores agrícolas defendia o trabalho com inteligência, isto é, *“que produzam mais com o mesmo trabalho”*. Assim, com uma grande produção *“veremos fechar-se os hospitais e casas de beneficência, ficando apenas as casas de socorros mútuos como garantia para que ao morrer possamos estar rodeados de nossas famílias, como quando nascemos”*.

Também apoiou a publicação de escritos sobre a agricultura, como foi o caso do livro de Albino Leite intitulado *“Para o Lavrador”*, editado em 1915, a partir de artigos inseridos na *“Folha da Manhã”* e cujo produto da venda reverteu para a Caixa Económica do Sindicato Agrícola de Barcelos. Este livro foi dedicado a D. José Domenech, a José de Beça e Meneses e a Gonçalo Pereira, três grandes beneméritos da agricultura barcelense.

Entusista das paradas agrícolas, via nelas o momento oportuno para se falar dos campos, para os proprietários e os agricultores convivirem e trocarem ideias, pois *“aqui nos nossos campos é que está o tão ambicionado Brasil. Aqui no nosso concelho é que estão as doçuras do céu.”*⁵⁷

Esta campanha denodada em prol da agricultura levou-o a montar, no Campo da Feira, em Barcelos, em finais de 1909, uma *“elegante barraca”* onde, além de se fornecerem instruções várias sobre as diversas culturas, se comprava cebola e se exemplificava como se fazia o encaixotamento para exportação, bem como se distribuía semente de cebolinho para ensaios. No dia da inauguração deste autêntico serviço público em favor da agricultura, o local foi animado por duas bandas de música, a dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e a da Oficina do Menino Deus, que tocaram alternadamente. Foram encaixotados oito quintais de cebola pelo chamado processo espanhol, para exportar para Inglaterra, tarefa que foi desempenhada pelos alunos do Asilo Escola Agrícola, seguindo-se um cortejo até à estação de caminho de ferro⁵⁸.

D. José Domenech incentivou também a cultura da batata, com fins agrícolas e de benemerência, como veremos mais à frente. A Câmara Municipal de Barcelos chegou mesmo a publicitar, em Novembro de 1911, na imprensa local, a pedido daquele, que se comprometia a mandá-la vir

⁵⁶ O primeiro foi publicado em 17/8/1911 e falava da missão agrícola à região valenciana.

⁵⁷ Era Nova, ano 2, nº 77, 4/4/1912.

⁵⁸ Folha da Manhã, 25/11 e 1/12/1909. A divulgação deste serviço foi feito através de 500 exemplares da Folha da Manhã, bem como de inúmeros prospectos.

da Inglaterra e a fornecer todos os esclarecimentos necessários à sua cultura, e que recebia até ao dia 31 de Dezembro pedidos de semente de batata própria para produzir duas colheitas no mesmo ano.⁵⁹

Outro dos meios utilizados por D. José Domenech para divulgar a agricultura e a prática intensiva das culturas foram as já mencionadas campanhas de propaganda pelas freguesias do concelho de Barcelos que, com a implantação da República, se transformaram em campanhas de propaganda agrícola e política republicana. Estas sessões de propaganda⁶⁰, realizadas ao Domingo, decorriam, geralmente, da seguinte forma: D. José Domenech era apresentado ao povo pelo Dr. Martins Lima, como um grande benemérito da causa agrícola e iniciador destas sessões de propaganda. Depois, aquele falava, normalmente, do cultivo da cebola, que devia ser intenso para poder competir com outros centros de exportação, do trigo e da batata, não esquecendo o plantio de oliveiras e de outras árvores de fruto. Fornecia estatísticas muito favoráveis da exportação da cebola em Espanha, concluindo que o concelho de Barcelos seria dos mais ricos se quisesse apostar nesta cultura, podendo, no futuro, os lavradores "*levar uma vida desafogada*". Chegava mesmo a dizer que se alguém não tivesse meios, mas quisesse fazer a experiência da cultura da cebola, dar-lhe-ia a semente e os adubos químicos necessários. Para isso, era suficiente apenas, um bilhete do pároco da freguesia, justificando a sua falta de meios, honradez e seriedade e a manifestar o desejo de que pretendia cultivar determinados metros quadrados de cebola. Além de D. José, falavam outros oradores e eram feitas demonstrações das vantagens da utilização de adubos químicos. No final das sessões de propaganda eram distribuídos prospectos incitando ao trabalho agrícola.⁶¹

A primeira sessão realizou-se em 15 de Outubro de 1909, ainda durante o tempo da monarquia constitucional, na freguesia de Cristelo, seguindo-se em Pedra Furada, para os habitantes desta freguesia e das de Góios, Gual e Chorento, em Perelhal, Abade de Neiva, para os habitantes desta freguesia e das de Vila Boa de S. João, Vilar do Monte e Santa Leocádia, em Tamel de S. Fins, para os habitantes desta freguesia e das de Carapeços, Salvador do Campo e Lijó, em Aborim, Fragoso, para os habitantes desta freguesia e das de Palme e Aldreu, em S. Bento

⁵⁹ Era Nova, ano 2, nº 57, 16/11, 1911.

⁶⁰ Participaram nas sessões de propaganda agrícola, que se realizavam em local central da freguesia e que tinham o apoio dos párocos e influentes locais, para além de D. José Domenech, Dr. Martins Lima, Larcher Marçal, Manuel Cardoso de Albuquerque, José Barbosa Ferreira Dias, Joaquim Matos, João de Sousa, pelo Comércio de Barcelos e Albino Leite, pela Folha da Manhã.

⁶¹ A demonstração era feita por Joaquim Matos, aferidor municipal e vendedor de adubos químicos.

da Várzea, Galegos de S. Martinho, Martim, para os habitantes desta freguesia e das de Encourados, Pousa e Cabreiros.⁶² Com a implantação da República, tais conferências prosseguiram e transformaram-se, como se disse, em campanhas de propaganda agrícola e republicana, isto é, depois da sessão de esclarecimento agrícola decorria um comício republicano⁶³. Realizaram-se conferências agrícolas, a partir de 20 de Novembro de 1910, nas freguesias de Alheira, Galegos Santa Maria, Roriz, Carapeços, Campo e Abade de Neiva.⁶⁴ Essas conferências foram, entretanto interrompidas, prosseguindo em 19 de Novembro de 1911⁶⁵, na freguesia de Aborim, seguindo-se em Gilmonde, Vila Seca, Remelhe⁶⁶, Manhente, Alvelos, Mariz, Barqueiros, Carapeços, Vila Cova, Cambeses, S. Bento da Várzea, para os habitantes desta freguesia e das de Gamil e Midões, em S. Romão da Ucha, Lage, do concelho de Vila Verde e Pousa⁶⁷. Procurando dar uma imagem do que se passaria nessas sessões, poderemos dizer que Albino Leite, director da “Folha da Manhã”, abria e encerrava, geralmente, as sessões. Expunha os fins a que se destinavam, apresentava os restantes acompanhantes, salientando sobretudo a acção benemérita de D. José Domenech. Depois, seguiam-se Larcher Marçal, director do Asilo Escola Agrícola, que abordava temas como a adubação

⁶² Folha da Manhã, nºs 1573, 1574, 1575, 1576, 1577, 1578, 21 e 28/10, 4, 11, 18, 25/11/1909.

⁶³ Era Nova, ano 1, nºs 16, 18, 19, de 2, 16 e 23/2/1911. Realizaram-se comícios de propaganda republicana em Salvador do Campo, Gueral, Areias de Vilar, Abade de Neiva, Perelhal, Viatodos, Góios, Manhente, Pousa e Vila Seca. Nos comícios republicanos havia três turnos de que faziam parte o Dr. Martins Lima, chefe local do partido republicano, tenente Barbeitos Pinto, administrador do concelho, tenente Nicolau Joaquim de Barros Bacelar, António Roriz d’Azevedo, Dr. José Beleza, tenente Fernando Cardoso de Albuquerque, Arnaldo Braz, Dr. Cardoso de Albuquerque, Dr. Gonçalo de Araújo, vice-presidente da Câmara, Alberto Araújo, vereador, alferes Leite, Dr. Teotónio da Fonseca, Dr. Luís da Cruz Ferreira e António Cardoso de Albuquerque.

⁶⁴ Idem, ano 1, nºs 6, 8, 9, 10, 15, 24/11 e 8, 15, 22/12/1910 e 26/1/1911. Nestas sessões de propaganda agrícola participavam, normalmente, D. José Domenech e os três jornalistas que tinham visitado a região Valenciana, Albino Leite, Larcher Marçal e António A. Marques de Azevedo. Mais tarde, juntou-se-lhes Inácio de Sousa, a partir da sessão realizada em Carapeços. Idem, nº 62, 25/1/1912.

⁶⁵ Idem, ano 2, nº 53, 19/10/1911. Numa local a anunciar o recomeço das conferências agrícolas para o dia 1 de Novembro, apelava-se aos influentes das freguesias para convencerem os seus comparoquianos a assistirem às referidas palestras, anunciando-se que as comunicações seriam interessantes, até sob o estudo feito na região valenciana e dela faziam parte, além de “técnicos competentíssimos, propagandistas devotados a esta nobre cruzada”.

⁶⁶ A missão foi visitar D. António Barroso, em sua casa, ouvindo deste incitamentos e aplausos.

⁶⁷ Era Nova, nºs 58, 59, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73 e 74 de 23 e 30/11, 14 e 21/12/1911 e 4, 11, 25/1, 1, 8, 15, 29/2 e 7, 14/3/1912.

química e os estrumes, a silagem na alimentação do gado e a cultura de forragens e a cultura arbustiva e florestal, defendendo a cultura das árvores de fruto. Inácio de Sousa, veterinário municipal, falava da criação de gado e das suas doenças, como evitá-las e do melhoramento das raças. Por fim, oferecia-se para dar consultas grátis, no matadouro municipal. Mas o orador mais aguardado era sempre D. José Domenech que apelava para a dupla cultura anual e o emprego dos adubos químicos e defendia o cooperativismo, incitando o agricultor a melhorar as suas condições económicas pelo progresso agrícola. António Albino Marques de Azevedo, director da “Era Nova”, um dos jornalistas que se tinha deslocado a Valência, como iremos ver, fazia uma comparação da nossa agricultura com a da região valenciana e falava da importância da escola e da agricultura. Recomendava ao povo a leitura de livros e de jornais da especialidade. No final destas conferências agrícolas era distribuído um prospecto da autoria de Larcher Marçal, com ensinamentos agrícolas, insistindo-se na irrigação dos terrenos, na cultura intensiva, na introdução de novas culturas, tais como a da cevada, aveia, amendoim, batata doce, grão de bico e beterraba, no plantio de oliveiras, macieiras e castanheiros, em terras pobres, sem água, e de pinheiros e eucaliptos, nos baldios, na utilização de adubos químicos, na criação de vacas leiteiras e na melhoria das castas da vinha. E o referido prospecto terminava com palavras de confiança aos agricultores: *“Confiai absolutamente no que vos digo, porque hoje não é preciso andar trinta ou quarenta anos agarrado à rabiça do arado, ou ao cabo da enxada, para se fazerem as observações que eu aqui vos faço; basta simplesmente estudar e ver o que fazem outros trabalhadores como vós, que tiram da terra maior resultado”*⁶⁸

D. José Domenech promoveu uma missão de estudo a Valência, pagando todas as despesas⁶⁹. Esta iniciativa, *“que honraria um governo que a ordenasse”*, trará *“um grande bem para o Concelho, porque a propaganda agrícola se tornará cada vez mais intensa e profícua”*⁷⁰.

Tal missão tinha como objectivo a observação da agricultura daquela região, para depois se divulgarem os métodos e as técnicas em Barcelos, através de conferências e exemplificações práticas. A escolha recaiu em três munícipes nomeados pela Câmara Municipal de Barcelos⁷¹, Albino Leite, director da “Folha da Manhã”, Larcher Marçal, da

⁶⁸ Idem, ano 2, nº 58, 23/11/1911.

⁶⁹ São vários os relatos da estadia dessa missão publicados pela “Era Nova” nºs 41, 42, 43 27/7/1911, 3 e 10/8/1911.

⁷⁰ “Barcellos Revista”, ano 2, nº 21, 6/8/1911.

⁷¹ D. José sugeriu, primeiramente, que fosse a “Barcellos Revista” a indicar os nomes dessa missão, mas “por motivos de força maior não pudemos desempenharmos desse honrosíssimo mandato”. “Barcellos Revista”, ano 2, nº 21, 6/8/1911.

“Barcellos Revista” e António Albino Marques de Azevedo, director da “Era Nova” que permaneceram cerca de quinze dias naquela região, tendo partido no dia 21 de Julho e regressado no dia 5 de Agosto de 1911. O próprio D. José Domenech deslocou-se a Denia com a sua esposa e sobrinho, tendo ali recebido a missão agrícola e acompanhando-a em parte da visita⁷². A visita decorreu de forma proveitosa, tendo os jornalistas barcelenses sido muito bem recebidos, nas diversas povoações. O desenvolvimento da agricultura da nação vizinha, principalmente na região valenciana, deixou-os “*completamente assombrados*” pelos processos modernos utilizados. Tal viagem teve enorme repercursão na imprensa local que não deixava de criticar o governo e realçar a obra de D. José Domenech : “*à falta de protecção oficial que incrementasse o progresso na vida rural, nós, os barcelenses podemos ufanar-nos de ter uma alma benemérita e dedicada ao benefício da lavoura.*”⁷³



António de Azevedo e Albino Leite, dois dos três jornalistas que integraram a Missão Agrícola a Valência.

No final desta missão agrícola foi elaborado um relatório, que só foi publicado em finais de 1913, sendo a parte técnica da autoria de Larcher Marçal, director do Asilo Escola Agrícola. Os assuntos versados eram os seguintes : prólogo, estudo climatérico, viação e porto de embarque, terra arável, sistema cultural, fauna doméstica, águas de rega, sistemas de irrigação e bombas empregues, prédios agrícolas, sistema de exploração agrícola, culturas, jardinagem e ornamentação, trabalhos preparatórios e amanhos culturais, a cultura da cebola, a cultura do melão, a cultura do feijão, a cultura do trigo, a cultura do amendoim, a cultura do milho, a cultura da luzerna, sericultura, emprego dos adubos químicos, exploração agrícola, comércio, indústria, estado moral e social, mão de obra, higiene e alimentação do operário rural, instrução e crédito agrícola⁷⁴.

⁷² O Barcelense, nº23, 30/7/1911. Era Nova, nº 44, 17/8/1911.

⁷³ Era Nova, nºs 38, 40, 41, 42, 43, de 6 e 20, 27/7 e 3 e 10/8/1911.

⁷⁴ Idem, ano3, 25/12/1913, ano 4, nº 168, 169, 170, 171, 172, 178, 1, 29/1, 19/2 e 19/3/1914.

4 – Um livro para o fomento da riqueza nacional

As questões da economia e das finanças preocupavam-no de tal ordem que publicou, em Abril de 1918, um opúsculo intitulado *“Problemas Económicos : o fomento da riqueza nacional e a baixa dos câmbios. Soluções tendentes a resolver estes problemas”*. Neste livro, D. José Domenech resume todo o seu pensamento àcerca da actividade económica e apresenta propostas para ultrapassar a crise com que se debatia a economia portuguesa.

Numa breve introdução, começa por dizer que, face aos problemas económicos que então se viviam, ninguém devia ficar indiferente: *“não devemos permanecer em atitude contemplativa, lamentando-nos”*, mas antes cooperar *“com o pensamento ou com a acção”* para procurar uma solução : *“todo o cidadão a quem surja uma solução, tem o dever de a manifestar, para que a opinião pública, avaliando-a ou comparando-a com outras, diga se é ou não aplicável, em realidade, ou se não passa de um sonho impossível de pôr em prática.”*

Para fomentar a riqueza nacional, defendia um plano de desenvolvimento agrícola assente na cultura intensiva das terras, no aumento da área de cultivo e na utilização de processos agrícolas modernos que acabassem com os processos rotineiros e retrógados.

Criticando aqueles que não acreditavam que o aumento da circulação fiduciária consolidava a economia nacional, D. José salientava que, tal como em França ou em Inglaterra, o governo devia intervir na economia. Ao estado, através do banco de Portugal, caberia fornecer aos proprietários o crédito agrícola necessário a um juro anual de 3%, ficando, como garantia, as terras e estabelecendo-se um prazo para a amortização da dívida. Para isso, a referida instituição bancária emitiria 300 mil contos em bilhetes de tesouro. À medida que se fossem cumprindo as obrigações, o banco retiraria notas da circulação com o mesmo valor que aquelas atingissem, ao mesmo tempo que o estado recolheria bilhetes do



D. José Domenech em 1919 (cliché de A. Soucasaux)

tesouro de igual importância. Desses 3% o estado receberia 2,7/8% e o banco de Portugal 1/8% como comissão. Assim, no seu entender, em poucos anos, o desenvolvimento agrícola de Portugal poderia atingir o triplo e o estado podia aumentar as contribuições, proporcionalmente, ao maior ou menor aumento de riqueza das terras. Para esse efeito, as terras seriam divididas em três categorias, terras de regadio com duas colheitas anuais, terras de uma só colheita e terras para cultivo de árvores e arbustos, pagando os terrenos incultos uma contribuição dupla da que pagariam os de primeira categoria, para obrigar os seus proprietários a cultivarem-nos. Propunha ainda a criação de um organismo com o fim de fiscalizar a utilização deste dinheiro, para que não fosse desviado para outros fins.

Sobre o papel dos Sindicatos Agrícolas, sobretudo muito úteis para os agricultores pobres, que podiam adquirir aí produtos e materiais em condições mais vantajosas, D. José Domenech defendia que estes deviam dispor, entre outros produtos, de adubos, máquinas a vapor para extrair água para rega, alambiques para a produção de aguardente, quando o vinho não atingisse um preço satisfatório, e moínhos para descascar o arroz.

Relativamente às culturas, cuja produção era importante intensificar, mencionava a cultura da batata e da cebola que, segundo a sua opinião, poderiam constituir a base da riqueza se se divulgassem convenientemente, mas também a do trigo, milho, centeio, arroz, feijão, fava e outras essenciais à alimentação. Defendia mesmo a tese de que Portugal estava em melhores condições de exportar do que o levante Espanhol, não só porque os fretes para o Norte da Europa eram mais baratos, pois os vapores demoravam menos quatro a cinco dias, mas também porque o preço da caixotaria era também mais baixo. Esta produção intensa para exportação traria benefícios não só para o emprego, dado que eram necessários carreteiros para o transporte destes produtos para as estações de caminho de ferro e portos, como também para as fábricas de serração de madeira e de pregos. Enfim, revitalizar-se-ia todo o comércio e seus agentes, bancos, companhias de seguros, armadores de navios e despachantes.

Seriam também fonte de riqueza as novas culturas, como a das uvas para produção de passas, tomate, romã, laranja e amendoim, bem como a plantação de choupos, não sendo de menosprezar a criação de galinhas, coelhos, carneiros e bois, procurando sempre melhorar-se as raças.

D. José Domenech não se esqueceu ainda de enumerar outras riquezas, tais como a exploração dos nossos recursos naturais, com o

aproveitamento da água para a rega e a produção de energia eléctrica e recursos minerais, como as minas de carvão, a construção de fábricas de carboneto, de arame e de papel.

Por outro lado, defendia que o estado devia nacionalizar todas as linhas férreas, com tarifas que lhe permitissem ficar com um lucro líquido de dez por cento e, assim, prosseguir na construção de novos caminhos de ferro. Devia ainda ter sempre dragados os portos da Figueira da Foz e de Viana do Castelo, para neles poderem fundear navios de calado regular. O estado poderia ainda obter lucros com a venda do tabaco, sem causar prejuízo aos consumidores. Para isso, bastava que ficasse com sete por cento, passando os revendedores a ficar apenas com três dos dez por cento que a Companhia dos Tabacos lhe atribuía.

Em suma, D. José Domenech, para fomentar o desenvolvimento económico, que traria a riqueza de Portugal, propunha a diminuição das importações de artigos que não fossem absolutamente necessários, o aumento das exportações e o aumento de impostos sobre todos os artigos de luxo.

Quanto ao câmbio, defendia a tese de que devia baixar. Cabia ao estado, através do banco de Portugal, regulá-los para evitar a especulação, devendo ser diminuída, progressivamente, a sua cotação. A sua tese era simples : qualquer exportador dum determinado produto seria obrigado a vender àquele banco a cambial da transacção comercial efectuada, pagando-lhe este o equivalente em escudos, segundo o câmbio corrente na altura. Do mesmo modo, o banco devia vender uma cambial a qualquer importador sobre a praça correspondente para pagamento da mercadoria, cujo valor exacto confirmaria. Assim, as libras que o banco comprasse aos exportadores deveria pagá-las ao câmbio corrente e as que tivesse de entregar aos importadores vendê-las-ia 5% mais caras. Para que outros bancos, banqueiros e casas de comércio não se sentissem prejudicados, o banco de Portugal, ou melhor, o governo, renunciaria à compra directa das libras que surgissem no mercado, para que aqueles pudessem comprá-las por menos dez centavos do que a cotação corrente (a mesma que tinha de vigorar para a compra de libras pelo banco de Portugal aos exportadores), vendendo-as, depois, a este estabelecimento que lhas pagaria ao câmbio corrente. Aqueles deviam ainda fornecer, diariamente, uma lista das libras compradas e em depósito, podendo o governo comprovar a veracidade destas informações pelos meios que julgasse convenientes. Se algum banqueiro, eventualmente, se negasse a comprar as libras, dentro destes parâmetros, o vendedor iria ao banco de Portugal que, após a comprovação do caso, as compraria com um desconto que não ultrapassasse o limite fixado de dez centavos por libra.

Assim, se sobejassem libras, depois de se ter atendido às neces-

sidades da importação e da dívida pública, o estado poderia comprar “papel” inglês ou francês dos últimos empréstimos da guerra, que lhe dariam mais do que 5,5%. À medida que a baixa na cotação se fosse acentuando, do mesmo modo deveria ser menor a baixa de cada mês, com o objectivo de existir sempre a compensação. O banco de Portugal encarregar-se-ia de todas estas operações por conta do estado, cobrando 1 por 1000.

A terminar, D. José Domenech formulava votos de prosperidade para Portugal como retribuição da hospitalidade que sempre lhe foi devida : *“Embora não visse a primeira luz neste país, acho no entanto que os quatorze anos consecutivos que tenho de permanência no mesmo, trabalhando, me dão o direito de desejar a sua prosperidade, ainda que só seja em paga do reconhecimento que lhe devo pela sua hospitalidade.”*

5 - Um prestante cidadão

“Ele era a alma generosa e boa compensando o trabalho e o mérito de quantos lhe ofereciam os seus serviços : - os seus operários, os seus familiares, os seus parentes; os pobres que largamente socorria, as casas de caridade e beneficência e instituições de socorros : para subscrições e peditórios D. José era sempre o primeiro contado. Ninguém batia à sua porta que não fosse servido numa aflição, socorrido na indigência e satisfeito na sua pretensão ou encorajado para as lutas da vida quando batido pelo desânimo.” – salientava um semanário local ao anunciar o seu falecimento⁷⁵

Na verdade, D. José Domenech foi um grande benemérito, associando muitas vezes a sua vocação de empresário à de filantropo, ajudando as classes menos favorecidas, bem como diversas instituições de beneficência, designadamente nas principais festas do ano, distribuindo dinheiro e géneros alimentícios.

São vários os casos dessa actividade altruísta e de consideração pelo próximo. Para combater a escassez, o monopólio da venda e os preços altos, mandou vir peixe espanhol que chegava ao mercado municipal, diariamente, no ano de 1907, a preço barato, para poder satisfazer os mais pobres⁷⁶. Em Setembro de 1912, importou 70.000 quilos de milho exótico que colocou à disposição do administrador do concelho para ser vendido, na Casa dos Mendanhas, ao preço de 500 réis por cada medida de 171,373⁷⁷. Em Agosto de 1916, emprestou 5:000.00 réis à Câmara Municipal de Barcelos, sem juros, para aquisição de milho importado das colónias pela comissão de subsistências de Lisboa. Este deveria ser fornecido às classes mais desfavorecidas do concelho de Barcelos e da freguesia da Apúlia, concelho de Esposende.⁷⁸ Durante a grave crise das subsistências, em 1921, e procurando fazer baixar os preços dos princi-

⁷⁵ O Barcelense, ano 17, nº 896, 26/5/1928.

⁷⁶ O Comércio de Barcelos, nº 903, de 22/6/1907

⁷⁷ O Barcelense, nº 83, 22/9/1912.

⁷⁸ Idem, Agosto de 1916. Manuel Joaquim de Sousa emprestou 3:000.00 réis, mas apenas foram utilizados 1:000.00 réis.

pais géneros de consumo, pôs à venda sal e arroz mais baratos cerca de 20 a 30%⁷⁹.

Da cultura da batata que, como já referimos, efectuou nos campos adjacentes à sua fábrica, procurou, também, beneficiar os mais carenciados⁸⁰. Em 1910, na tarde do dia 27 de Outubro, distribuiu três quilos de batatas da segunda colheita a cada uma de 300 pessoas carenciadas. Foi um dia de verdadeira festa que contou com a presença de várias individualidades e de duas bandas de música, a da Oficina Asilo e a dos Bombeiros Voluntários de Barcelos que, primeiramente, arruaram a Vila. Nessa jornada produtiva e beneficente, o Dr. Martins Lima, líder local do partido republicano, salientou as grandes qualidades de D. José Domenech, "*cidadão prestantíssimo*", "*propugnador incansável*" dos progressos agrícolas do nosso concelho. O promotor da festa, fazendo o elogio vigoroso da agricultura e da terra mãe, revelou os resultados obtidos em favor da agricultura local. De seguida, as duas bandas tocaram o hino nacional, estralejando alguns foguetes, que anunciaram o começo da arrancada. Um grupo de raparigas, com cestos, foi para o centro do batatal, ao mesmo tempo que a brigada dos arrancadores, constituída pelo pessoal da fábrica, que deixou de trabalhar durante esta festa, e pelos internados do Asilo Escola Agrícola, deu início à arrancada das batatas. Estes transportavam três cartazes pedagógicos e educativos, onde se lia, respectivamente : - "*trabalhem todos pelo desenvolvimento da agricultura no concelho.*" - "*O proprietário deve procurar instruir os caseiros nos progressos agrícolas.*" - "*Ajudemos o pequeno lavrador a sair da miséria em que se encontra.*"

Na altura foi distribuído um folheto, onde D. José dava mostras da sua satisfação pelas duas boas colheitas obtidas, podendo assim corresponder às necessidades dos mais pobres :

" Triunfo completo, triunfo animador, triunfo humanitário e prático. Jamais se viu neste precioso concelho duas colheitas de batatas num ano, no mesmo terreno, e é tão simples que até uma criança o pode fazer. Eu entendo que a humanidade tendo pão e carne, não pode ter maus pensamentos.

Estou contentíssimo.

Venham a esta fábrica de serração, que eu ensinarei a plantação moderna da batata, que há-de ser de grande proveito para todos; a vossa visita será a maior recompensa que me podereis dar.

Todos necessitamos do aplauso para animar o coração, e poder

⁷⁹ Idem, ano 11, nº 556, 5/11/1921.

⁸⁰ Era Nova, ano 1, nº 3, 3/11/1910. O terreno media 600 m² e deu, respectivamente, nas primeira e segunda colheitas, 1.800 e 1.000 quilos.

continuar fortificando pensamentos justos.

A música acompanhada pelos alunos da Escola-Agrícola, será o guia para vos conduzir ao batatal.

Ali me encontrareis com umas mulheres do povo, engrandecendo a obra da Agricultura, repartindo batatas aos miseráveis, que não têm mais amparo depois de uma vida de dissabores, para chegar ao fim da jornada estendendo a mão à caridade pública.

Para que no mundo não exista a pobreza, não se precisa mais que as classes ilustradas encaminhem o povo para os campos, de maneira que não fique um palmo de terra sem produzir; preciso se torna que os homens honrados e humanitários me ajudem nesta obra.

Quando chegarmos a conseguir esta santa obra, as cadeias ficarão vazias, e os que desejamos o bem estar da humanidade, dormiremos tranquilamente desde o deitar até que nos levantemos.

Enquanto não procedermos assim, não teremos a consciência.”⁸¹

Também em 9 de Novembro de 1911, distribuiu 3 quilos de batatas de segunda colheita a cada um dos 500 pobres, possuidores de senhas atribuídas pela câmara municipal e mesmo a alguns que não tinham a referida senha : “A Câmara, julgando cumprir um dever patriótico, convida o povo deste concelho a tomar parte nesta festa que consagra o persistente esforço do benemérito industrial em favor da agricultura e os que se julguem com direito àquele donativo a procurarem as senhas na secretaria municipal onde se verificará a sua identidade.”⁸² A concentração fez-se pelas 14.30 h, no largo da Câmara, onde se reuniu um grupo de operários com a bandeira nacional à frente, a banda dos voluntários e muito povo, que seguiram em direcção aos campos ao som de hinos vibrantes e vivas calorosos. Nesta festa participou o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Miguel Fonseca, diversas individualidades e grande número de agricultores. Depois de Larcher Marçal, director do Asilo-Escola Agrícola ter falado dos objectivos daquela festa agrícola, António Albino Marques de Azevedo, deputado Simas Machado e o Dr. Martins Lima fizeram a apologia do campo, mostrando que o futuro do país está na prosperidade da agricultura e renderam homenagens a D. José. Por último, este pronunciou um vibrante hino ao trabalho e aos progressos da agricultura, mas não deixou de lamentar que ninguém no concelho o tenha acompanhado nesta prática agrícola⁸³.

⁸¹ Era Nova, ano1, nºs 1 e 2, 20 e 27/10/1910.

⁸² Idem, nºs 54, 55, 56 e 57, 26/10, 2, 9 e 16/11/1911. A festa era para ser realizada no dia 2, mas por causa do mau tempo foi adiada.

⁸³ Idem, nº 57, 16/11/1911.

A propósito desta arrancada, o semanário local "Era Nova"⁸⁴ publicava um texto do próprio D. José Domenech, em língua espanhola, a anunciar o evento, a convidar as pessoas a visitarem o local e fazendo apelos ao trabalho na agricultura, com a utilização de adubos e a irrigação dos campos: *"Podeis estar seguros que no dia em que em Barcelos se gastem cem contos em adubos químicos, tendo águas para a rega, aqui, onde agora produz o campo uma coisa insignificante, teremos grandes colheitas de trigo, azeite, milho, batatas, feijão, amendoim, pastos para o gado e cebola, que compro toda a que me tragam, este ano, a 1\$000 réis os 60 quilos, estando boa e bem seca.*

Eu repito muito, enquanto não me convençam do contrário, continuarei dizendo que : agora se trabalha pouco mais ou menos, como aquele que tira água de um poço com um cesto e por muito que sue e se canse não conseguirá mais que beber, mas quem a tire com um motor, regará campos e produzirá o que queira; isso é o que desejo, trabalho bem feito."

Defendia, depois, a promoção do agricultor, designadamente através do associativismo agrícola : *" Queria ver um povo, onde todos tivessem pão, carne, batatas, cama, roupa e casa limpa, com uma sociedade de socorros mútuos e outra de reformas para quando um fosse velho pudesse morrer rodeado de sua família e não de estranhos.*

Para conseguir isto não há outra solução senão a agricultura. Que não exista um palmo de terra sem cultivar e dessa maneira seremos todos amigos de Deus, mas se continuarmos dizendo como agora, salve-se quem puder, estaremos todos vivendo com o diabo."

Respondendo àqueles que se queixavam de falta de dinheiro, D. José retorquia que dinheiro parecia não faltar : *" Os que me discutem acabam sempre por dizer-me que o lavrador tem falta de meios, quer dizer, dinheiro. Eu digo que não é verdade, pois compram ferro para as ramadas e vejo que as mulheres são e graciosas que vêm às quintas-feiras, vêm cheias de cordões e alfaias.*

Eu para fazer negócio empenho a firma ou empenho propriedades. Vendam elas ou empenhem elas os cordões e reunirão muitos contos para adubos e mecanismos para tirar água."

Esta atitude foi reconhecida pela Edilidade que deliberou exarar um voto de louvor e agradecimento *"por mais este projecto de benemerência e de criteriosa propaganda agrícola"*⁸⁵.

Infelizmente, não foram muitos os agricultores barcelenses que seguiram os conselhos de D. José. Sabemos que, pelo menos, o agricul-

⁸⁴ Idem, 26/10/1911.

⁸⁵ A H.M.B. Livro de Actas da Reunião . 11.11.1911.

tor Manuel Joaquim do Rego, de Manhente, obteve batatas de segunda colheita.⁸⁶

Durante a Primeira Grande Guerra, em Dezembro de 1915, quando uma crise grave de subsistências assolou Portugal e surgiu a especulação, D. José Domenech teve um papel importante no abastecimento público, vendendo a preços módicos alguns géneros essenciais à alimentação das classes mais desfavorecidas, substituindo-se às entidades oficiais. A sua acção foi de tal modo reconhecida que se chegou a sugerir a sua chamada a Lisboa para “agir conforme os impulsos do seu patriotismo, livre de peias políticas” e equacionava-se a questão de até onde poderia chegar a sua atitude benemerente se possuísse uma grande fortuna, pois “se a possuísse, o povo receberia mais benefícios numa hora do que os que em toda a vida poderá receber dos governos”⁸⁷. No ano seguinte, chegou a vender, às segundas e sextas-feiras, a cada pessoa, por dia, num “barracão” situado na avenida 11 de Fevereiro (actual avenida Alcades de Faria), três quilos de batatas a 30 réis o quilo⁸⁸.

Além dos pobres, auxiliou também diversas instituições de solidariedade social barcelenses, tais como, a Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, o Asilo e Colégio dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, os Bombeiros Voluntários de Barcelos e a Sopa dos Pobres.

⁸⁶ Era Nova, ano 2, nº 64, 4/1/1912. Louvava-se a atitude de D. José Domenech de vender a batata a preços “razoáveis”, mas criticava-se a firma Thomaz José d’Araújo pelo preço exorbitante com que vendia o açúcar, a 1.200 réis o quilo, quando antes custava 240 réis e chegou a ser vendido a 600 réis o quilo.

⁸⁷ O Barcelense, nº 250, 18-12-1915. Vendia batata de boa qualidade, da sua colheita, a 35 réis o quilo, o sal mais barato, castanha, a 30 réis o quilo, quando outros revendedores a vendiam a 50 e a 60 réis o quilograma.

⁸⁸ O Barcelense, ano 6, nº 765, 19/8/1916.

6 - Famílias de ascendência espanhola residentes em Barcelos *

Foram várias as famílias espanholas que vieram, principalmente de Denia, Valência, Tuy e Sevilha para trabalharem, em Barcelos, na fábrica de serração de “J. Salort & C^a”. Há cerca de trinta e poucos anos ainda eram bem visíveis na avenida Alcades de Faria, alguns dos maravilhosos chalets das famílias mais abastadas. É natural, assim, que existam, ainda hoje, nesta região, os seus descendentes. Ao mencioná-las, na sua maior parte, pelo menos as mais significativas, estamos também a homenagear todos quantos, deram o esforço do seu trabalho e contribuíram para o progresso e engrandecimento de Barcelos. Começaremos pelos familiares directos de D. José Domenech, seguindo, por ordem alfabética, para não ferirmos susceptibilidades.



D. Salvador Domenech, sua esposa, D. Joaquina Diaz, suas filhas, Ângela e Pepita e D. Francisco Domenech

D. Salvador Domenech ou D. Salvador Domenech Garcia nasceu em Alicante – província de Alicante – Espanha, em 1882, e faleceu em Viana do Castelo há cerca de 30 anos. Era filho de D. Salvador Domenech, irmão de D. José Domenech e de D. Ângela Garcia. Casou com D. Joaquina Diaz ou Joaquina Diaz Carpintero nascida em Tui –

* Este capítulo é da autoria de Victor Pinho.

Pontevedra - Espanha, em 1881 e falecida na sua residência, no lugar da Pena, da freguesia da Silva, com 59 anos de idade, em 16 de Maio de 1940. Está sepultada no cemitério da freguesia da Silva. Era filha de Crisanto Diaz e de Dolores Carpintero.

Teve os seguintes filhos :

Josefa Domenech Diaz nasceu numa casa do lugar da Estação, em Arcozelo-Barcelos, no dia 22 de Outubro de 1916, e faleceu no lugar de Aldeia, freguesia da Silva, em 1 de Dezembro de 1937, com 21 anos de idade. Está sepultada no cemitério da Silva. Era afillhada de D. José Domenech.

Angela Domenech Diaz nasceu em Barcelos, numa casa da avenida Onze de Fevereiro (actual avenida Alcades de Faria), em 11 de Maio de 1918 e casou com Manuel Júlio de Sousa e Lima Torres, em 3 de Agosto de 1939.

Teve os seguintes filhos : Dr. Manuel Ângelo, Dr. José Manuel e Dr^a. Maria Filomena Domech Lima Torres, todos com descendência e os dois últimos casados, respectivamente com : D. Maria Helena e Eng^o Paulo António Hernandez Sampaio.

46

D. Maria Badia Ventura nasceu em Vila Nueva del Grão, província de Valência-Espanha, em 1904, e faleceu em Barcelos, na sua residência, no Campo 28 de Maio (actual Campo 25 de Abril), no dia 8 de Março de 1978. Está sepultada no cemitério municipal de Barcelos.

Era sobrinha da esposa de D. José Domenech e à sua morte foi a herdeira de todos os seus bens, pois o casal não tinha filhos.

Era filha de Pablo Badia Puig, natural da cidade de Denia-Espanha e de Salvadora Ventura Pastor, natural da cidade de Valência-Espanha. Casou com António Maria Calheiros Barreto, negociante, que nasceu em Barcelos, em 25 de Novembro de 1920 e faleceu nesta mesma localidade em 30 de Outubro de 1932.

Sua irmã, Antónia Badia Ventura, doméstica e o seu marido, Pedro Carpi Ivars, empregado público, foram padrinhos do seu casamento, conjuntamente com Manuel Cardoso de Albuquerque, escrivão de direito e sua esposa, Maria Júlia Calheiros Barreto Cardoso de Albuquerque, respectivamente cunhado e irmã do noivo.

Teve os seguintes filhos :

António Badia Calheiros Barreto nasceu em Barcelos em 22 de Março de 1931 e faleceu em Denia- província de Alicante-Espanha em 19



D. Vicente Mahiques e sua esposa D. Maria José

de Junho de 1991. Casou, em Vergel-província de Alicante-Espanha com Maria del Pilar Carpi Badia

Teve os seguintes filhos : Maria de Fátima, Jorge Pedro e Maria Beatriz.

D. Vicente Mahiques Senti, nasceu em Denia, província de Alicante, Espanha, em 20 de Janeiro de 1896 e faleceu, na sua residência, em Abade de Neiva, em 28 de Agosto de 1977. Está sepultado no cemitério municipal de Barcelos.

Era filho de António Mahiques Paris, de Dénia e de Juana Senti Lattur, também de Dénia. Casou em Barcelos, em 17 de Agosto de 1922, com D. Maria José Cardoso e Silva Torres, que nasceu em Barcelos, em 7 de Agosto de 1904 e faleceu em Alicante - Espanha, em 3 de Janeiro de 1992.

Antes de se ter fixado em Barcelos, por volta dos anos 20 deste século, esteve em França e na Alemanha. Foi sócio-gerente da Fábrica "Juan B. Domenech, Limitada", tendo presidido a vários encontros internacionais de trabalho da especialidade. Homem culto, com propensão para a História, falando cinco línguas, foi um grande benemérito de diversas instituições barcelenses, designadamente desportivas : Barcelos Futebol Clube, Operário Futebol Clube e Gil Vicente Futebol Clube.

Um seu contemporâneo retratava-o deste modo : *"Sociável, sempre pôs os seus vastos conhecimentos ao dispor de quem o consultava,*

de quem lhe pedia conselho ou solicitava auxílio. A reserva da sua pessoa, mais aparente do que real, só induzia simpatia no ambiente de trabalho e no meio social.

Na actividade industrial – sempre previdente e prudente – era mais o companheiro, acessível e compreensível, que o senhor, distante, frio e indiferente, perante a massa obreira.”⁸⁹

Celestino Carmona Monserrate, empregado da fábrica de serração “J. Salort & C^a.”, nasceu em Denia, província de Alicante – Espanha, em 1881 e faleceu em 13 de Junho de 1944. Era filho de pai incógnito e de Carmen Monserrate. Casou com Vicenta Fornêz Rosselló, dona de casa, que nasceu em Denia, em 1878, e faleceu em 29 de Abril de 1952, no Campo 28 de Maio, em Barcelos. Era filha de José Roselló e de Josefa Fornês, ambos naturais de Dénia-Espanha.

Teve os seguintes filhos :

Josefa Carmona Monserrate Esteves nasceu em Arcozelo, em 20 de Setembro de 1909 e faleceu na mesma localidade, em 15 de Março de 1989. Está sepultada no cemitério de Barcelos. Casou em 1936 com Licínio Ferra Esteves, que nasceu em Barcelos no ano de 1906 e faleceu em Arcozelo, no dia 10 de Maio de 1957.

Teve os seguintes filhos : Valdemar, Rui, Isolete, Odete e Armanda.

D. Antónia Carmona Fornês, dona de casa, nasceu em Arcozelo-Barcelos, em 9 de Maio de 1914 e faleceu em Barcelos, em 11 de Fevereiro de 1964. Está sepultada no cemitério de Barcelos.

Teve a seguinte filha : Maria Teresa Carmona Guimarães, com descendência.

Joaquim Mestre Crespo, empregado industrial, nasceu em Denia, província de Alicante-Espanha e faleceu em Ferrol-Corunha, num desastre de viação, no dia 1 de Janeiro de 1952. Era filho de Francisco Mestre Torres e de Madalena Crespo Hortolá. Casou com Maria Armell Ivars, doméstica, que nasceu em Denia, em 1899. Era filha de Manuel Armell Prug e de Joana Ivars Monforte.

Teve os seguintes filhos :

Maria Madalena Mestre Armell nasceu em Arcozelo-Barcelos, em 25 de Abril de 1927. Casou com Francisco Frasés de Castro.

Joana Mestre Armell casada com o Dr. Abel Augusto de Almeida Carneiro, ambos já falecidos.

⁸⁹ Jornal de Barcelos, ano 27, nº 1416, 22/9/1977.

Pepita Ivars Mestre Crespo casada com o Dr. Filomeno da Silva Cartaxo.

Joaquim Ramon Ivars Mestre Crespo, já falecido.

António Mestre Crespo.

D. Joaquim Mestre Torres, negociante, nasceu em Dénia, em 1867, província de Alicante- Espanha e faleceu no lugar de Santa Marta, Arcozelo-Barcelos, em 14 de Novembro de 1916. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Era filho de Joaquim Mestre Ausina, natural de Pego, província de Alicante-Espanha e de Vicenta Torres Marti, natural de Denia, província de Alicante-Espanha. Casou com Antónia Savall Gavilá, doméstica, nascida em Denia, província de Alicante-Espanha, em 1872.

Teve a seguinte filha : Joaquina Mestre Savall.

D. José Ballester Costa, natural de Denia, província de Alicante – Espanha, empregado geral da fábrica de serração, “J. Salort & C^a.”. Era filho de José Ballester Rebelo e de Josefa Costa Rosselho. Casou com Maria Crespo Soller, filha de Baptista Crespo Ivars e de Ursula Soler Andrés, natural de Beniza, província de Alicante, recebidos na cidade de Tui, província de Pontevedra, moradores no lugar das Torgas, Arcozelo, depois moradores no lugar do Baixo da freguesia de Rio Covo de Santa Eugénia.

Teve os seguintes filhos:

Pepe Ballester Crespo casou em Orense. Tem descendência.

Maria Ballester Crespo nasceu em Barcelos e faleceu em Tui. Casou com Francisco Ausina Escortell.

Teve os seguintes filhos : Pascoal Ballester Ausina Escortell e Renato Ausina Ballester.

Juan Ballester Crespo nasceu em Tui-Espanha, em 1 de Outubro de 1902 e faleceu em 12 de Agosto de 1979, na freguesia de Arcozelo-Barcelos. Casou em 1925 com Lúcia do Amor Divino Pereira.

Teve os seguintes filhos: João, Miguel, Telmo (já falecido), Armindo (já falecido), Maria Lúcia e Maria José Pereira Ballester Crespo. Todos com descendência.



D. José Ballester e sua esposa Maria Crespo Soller

Isabel Ballester Crespo nasceu em Denia e faleceu em Barroselas, em 1975. Casou com Olindo da Graça Figueiredo Ramos, natural de Santa Eugénia-Barcelos que faleceu em Barroselas, em 1959.

Teve os seguintes filhos : Rosa, Maria do Carmo, Francisco, Salvador, Eugénia, Maria Olinda, Maria de Lourdes, Maria Salomé, Isabel, Maria Olinda, Maria Aida, João e Olindo.

Aurélia Ballester Crespo nasceu em Arcozelo e faleceu em Sever do Vouga, em 26 de Dezembro de 1992. Casou com Manuel Martins de Pinho, meu tio e padrinho, natural de Matosinhos onde nasceu em 1916, tendo falecido na Figueira da Foz em 22 de Dezembro de 1994. Depois de ter exercido o cargo de técnico de máquinas da Sociedade Industrial do Vouga, nesta cidade, de Soares & Irmão, Ld^a., transferiu-se para uma empresa fabril da mesma sociedade, em Pessegueiro de Vouga onde fixou residência.

Filhos : Dr. Custódio Augusto, Valdemar e Jorge Manuel.

Salvador Martinho Ballester nasceu em 16 de Setembro de 1908, em Arcozelo e faleceu, com 67 anos, em 18 de Junho de 1976, no lugar das Calçadas, também em Arcozelo. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Casou, em 14 de Novembro de 1934, com Maria Aida Alves de Carvalho, natural de Barcelos, filha de Agostinho Alves de Carvalho, negociante, da freguesia de Canedo, concelho de Celorico de Basto e de Rosa de Jesus, da freguesia de S. Salvador do Campo-Barcelos.

Teve os seguintes filhos : José, Maria Rosa, Maria Elisabete e Salvador. Todos com descendência.

Pepita Ballester Crespo, solteira, já falecida.

José Ferrando Ausina, natural de Denia-Alicante-Espanha. Casou com Josefa Ribes Sala, também natural de Denia-Espanha.

Teve os seguintes filhos :

Manuel Ferrando Ausina, comerciante, nasceu em Laundos, em 1918 e faleceu no lugar da Estação, freguesia de Midões-Barcelos, em 3 de Junho de 1962. Está sepultado no cemitério de S. Bento da Várzea. Casou com Maria de La Sallete Gomes da Silva, natural da freguesia da Várzea-Barcelos.

Teve os seguintes filhos : Serafim, Adela, Pepe, Rosa, Jaime e André Ferrando Ribes, serralheiro mecânico. Este último nasceu em Vich-província de Barcelona, em 1910 e faleceu em 27 de Setembro de 1941, no lugar da Estação-Arcozelo-Barcelos. Está sepultado no cemitério de Arcozelo. Casou com Maria da Conceição Pereira Linhares Ribes, doméstica, que nasceu em Arcozelo-Barcelos, em 1913.



Família Ivars Roselló

Sentados : José Ivars Llull, Josefa Roselló Más, Mário (filho adoptivo) e Josefa Dolores. De pé : Henrique, José Neivã, Sebastião, Camilo Vieira e Cândida Pereira

José Ivars Llull, limador, nasceu em Denia, em 1866 e faleceu, no lugar da Fábrica, em Arcozelo-Barcelos, em 25 de Outubro de 1935. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Era filho de Sebastião Ivars Crespo e de Antónia Llull, naturais de Denia. Casou com Josefa Roselló Más, que nasceu em Valência-Espanha, em 1869.

Teve os seguintes filhos :

Henrique Ivars Rosello nasceu em Dénia, província de Alicante-Espanha, em 23 de Janeiro de 1903 e faleceu em Barcelos, na sua residência, na rua Tenente Valadim, nº 61, em 5 de Dezembro de 1991, com 88 anos de idade. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Casou em 1929 com Maria Carolina Alves da Silva.

Filhos : Maria José, Maria Orlanda e Henrique.

Dolores Ivars Rosselo nasceu em Dénia, província de Alicante, Espanha, em 1899 e faleceu em Barcelos, na rua Gomes Freire, nº 65, em

10 de Março de 1965. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Casou com José de Sousa Neiva, em 1922.

Filhos : Maria Alda Ivars Neiva.

Sebastião Ivars Rosselo faleceu em Dezembro de 1969. Era casado com Laurinda Calheiros Fontoura de Castro que morreu há cerca de 62 anos.

Filhos : Maria José, Amália, Fernando, Manuela e Ilídio.

Josefa Ivars Rosselló nasceu em Dénia-Espanha, em 189, e faleceu em Barcelos, em 8 de Julho de 1956. Está sepultada no cemitério de Barcelos. Casou com Camilo Augusto Vieira. Sem filhos, adoptaram o Mário (o pequeno da fotografia).

José Ivars Rosseló, limador, nasceu em Dénia, em 1896, província de Alicante-Espanha e morreu afogado num tanque da fábrica de seriação "J. Salort & C^a.", em Arcozelo-Barcelos, no dia 2 de Julho de 1915, com apenas 19 anos de idade. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Era muito conhecido, principalmente no meio desportivo local.

Juan Plasencia Vallalta, técnico afinador de máquinas, nasceu em Denia, província de Alicante-Espanha, em 1864 e faleceu, no lugar da fábrica, freguesia de Arcozelo-Barcelos, em 27 de Maio de 1919. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Era filho de Juan Bautista Plasencia Ruiz, natural de Valência-Alicante e de Trinidad Vallalta Puig, natural de Denia-Alicante. Casou com Josefina Brull Marco, que nasceu em Valência-Espanha, em 1877.

Manuel Ferrér Ferrér casou com Vicenta Garcia Segui.

Teve os seguintes filhos :

Maria del Carmen Ferrer Garcia, natural de Tui – Pontevedra-Espanha, onde nasceu em 1903, e faleceu no lugar da Coutada, freguesia de Mariz-Barcelos, em 9 de Abril de 1986. Está sepultada no cemitério de Mariz. Casou , em 1922, na Póvoa de Varzim, com Manuel Carvalho Marinho da Silva que foi director de "A Opinião".

Teve os seguintes filhos : Fernanda Augusta, Maria José e Luís Marinho. Todos com descendência.

Manuel Ricardo Natálio, natural de Valemusco, lugar de Galacosa, província de Sevilha-Espanha, onde nasceu em 1885. Casou com Maria Teresa, natural de Vila Chã-Esposende.

Teve os seguintes filhos :

Prazeres Ricardo nasceu no lugar da Estação, freguesia de

Arcozelo- Barcelos, em 6 de Abril de 1913 e faleceu, no lugar das Pontes – freguesia de Tamel São Veríssimo-Barcelos, em 5 de Outubro de 1997. Casou com João Gomes Lourenço, em 13 de Dezembro de 1930.

Teve os seguintes filhos : Laura, José, Maria Alice, António, Maria Hermínia, Delfino, Joaquim, Artur, Maria da Conceição, Maria de Fátima, todos ainda vivos e com descendência. Já falecidos são : Maria de Fátima, João, Joaquim e Delfino.

Rafael Fernandez que casou com Manuela Fernandez, naturais de Ribadavia, freguesia de Vicitos-Espanha.

Teve os seguintes filhos :

Benita Fernandez Pontes, doméstica, nasceu em Ribadavia, freguesia de Vicitos-Espanha, em 1864, e faleceu, no lugar da Estação-Arcozelo-Barcelos, em 2 de Março de 1930. Está sepultada no cemitério de Barcelos. Casou com Manuel José da Silva Pontes, natural de Vila Frescainha de S. Martinho que faleceu, em Arcozelo, em 1911.



Vicente Ausina Escortell e sua esposa D. Joaquina Mestre Savall.

Salvador Cortez de Haro, guarda livros da fábrica “J. Salort & C^a.”, nasceu em Ondara- Alicante - Espanha, em 1861 e faleceu em Barcelos, em 19 de Maio de 1942. Está sepultado no cemitério municipal de Barcelos. Era filho de José Cortez e de Vicente de Haro, ambos naturais de Chest-Valência- Espanha. Casou com Rosa Frasés Domenech, doméstica, que nasceu em Ondara, Alicante-Espanha, em 1854 e faleceu , em

Barcelos, em 11 de Março de 1924. Era filha de Pedro Frases Peres e de Rosa Domenech Jesé, ambos naturais de Alicante-Espanha.

Teve os seguintes filhos :

Elvira Cortez Frases, proprietária, nasceu em Ondara-Alicante-Espanha, em 1889 e faleceu em Vitorino de Piães-Ponte de Lima. Casou com Manuel de Sousa Martins, negociante, dono da Drogaria Martins, que nasceu em Navió-Ponte de Lima, em 1889, em 27 de Outubro de 1939. Este era viúvo de Lucília da Silva Pires, falecida em 15 de Março de 1933.

Pedro Cortez viveu em Espanha e tem descendência.

Henrique Cortez casou em Barcelos e tem descendência

D. Vicente Ausina Riera, mestre afinador de máquinas da fábrica de serração "J. Salort & C^a.", em Arcozelo, que casou com Pascuala Escortell Vengut, ambos naturais de Dénia.

Teve os seguintes filhos :

Vicente Ausina Escortell nasceu em Dénia, província de Alicante, Espanha, em 1896, empregado da fábrica de serração "J. Salort & C^a.", em Arcozelo, e faleceu na sua residência, no lugar das Torgas- Arcozelo, em 13 de Julho de 1979. Está sepultado no cemitério de Barcelos. Casou, em 12 de Agosto de 1922, com Joaquina Mestre Savall, doméstica, que nasceu em Dénia, província de Alicante, Espanha, em 1900 e faleceu no lugar das Torgas, Arcozelo, em 6 de Abril de 1970. Era filha de D. Joaquim Mestre Torres e de Antónia Savall Gavitá, doméstica, ambos naturais de Dénia.

Teve os seguintes filhos : Pepita Ausina Mestre, casada com António Augusto da Silva, Vicente Ausina Mestre, casado com Clarisse Alves Baptista e Joaquim Ausina Mestre.

Ramon Ausina Escortell morreu em Viana do Castelo.

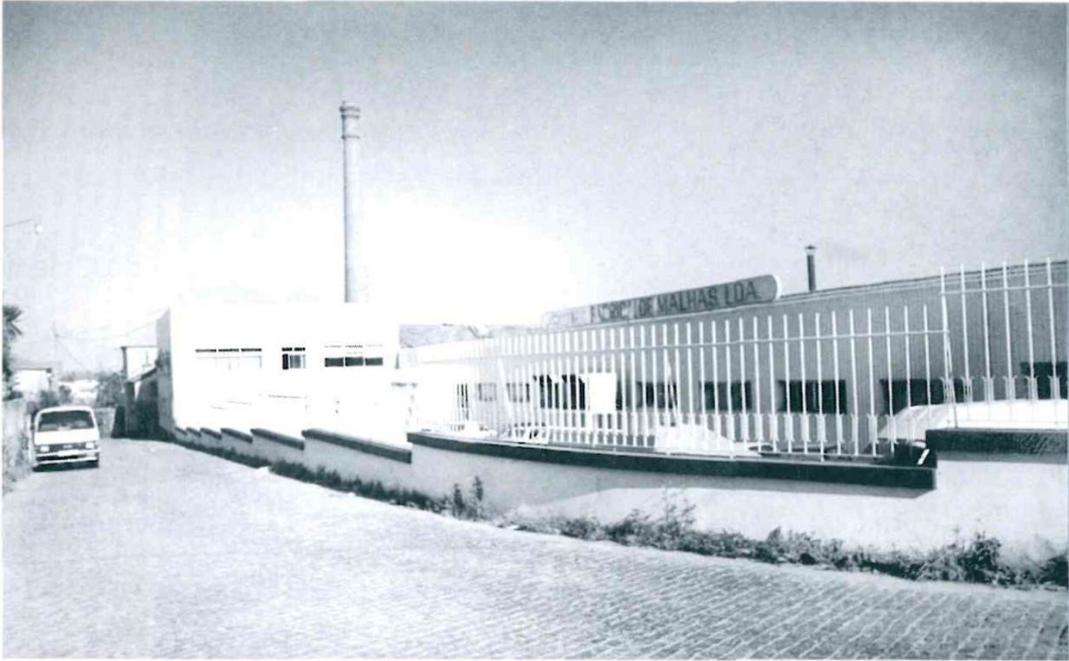
Francisco Ausina Escortell morreu em Tui. Casou com Maria Ballester Crespo.

D. Vicente Ausina Riera casou, pela segunda vez, com D. Madalena Navarro Salvá, natural de Dénia, que faleceu, em Barcelos, no dia 8 de Agosto de 1945.

Teve os seguintes filhos :

D. Maria Francisca Ausina Navarro

D. Adoração Ausina Navarro



Local onde esteve instalada a Fábrica de Serração Domenech.

7 – Bibliografia

FONSECA, Teotónio da, *O Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado*, 2 vols., Barcelos, SCMB/CMB, 1987 (edição facsimilada).

LEITÃO, Joaquim, *Guia Ilustrado de Barcellos*, Porto, Empresa do Guia Ilustrado de Portugal, 1908.

MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, Vol. VI, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

VIEIRA, José Augusto, *O Minho Pitoresco*, Vol. 2, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira, 1887.

Publicações Periódicas

Barcellense, O (1911-1945).

Barcellos Revista, (1909-1910).

Commercio de Barcellos, O (1904-1916).

Ecos de Barcelos (1919-1924)

Era Nova, (1910 -1917).

Folha da Manhã, (1908-1912).

Opinião, A, (1926-1931)

Verdade, A (1922-1927)

Fontes manuscritas

Conservatório do Registo Civil de Barcelos - Livros de nascimentos, casamentos e óbitos, de diversos anos.

Conservatório do Registo Civil de Lisboa - Livro de óbitos, 1928.



Fábrica de Serração de Madeiras Viúva D. Juan Domenech, Operários e Dirigentes, nos finais dos anos 40.

“O seu nome depressa esqueceu principalmente devido à ingratidão de quem o bajulava em vida e, por isto, ninguém até hoje, depois da sua morte, mais dele se lembrou.

Amigos, teve mais de um milhão!

Se ele fosse vivo, desabafando, diria como Camilo:

Que milhão de impávidos marotos!

D. José Domenech, sempre muito afável e com desmedida e particular familiaridade, recebia todos os dias em sua casa uma avalanche de amigos, aos quais não permitia sair sem tomarem uma chávena de chá ou café e sem lhe darem cabo de algumas dúzias de charutos “La Casa” que ele propositadamente punha sobre a mesa em redor da qual se tinha de estabelecer ameno cavaco.”

*(Silva, Tenente Cardoso e ,
Intra-Muros in O Barcelense, 23/5/1942)*

Índice

61

Nota prévia	5
1. Uma vida dedicada ao trabalho e ao semelhante	7
2. Um defensor do desenvolvimento industrial	15
3. Um entusiasta pela agricultura	23
4. Um livro para o fomento da riqueza nacional	35
5. Um prestante cidadão	39
6. Famílias de ascendência espanhola residentes em Barcelos	45
7. Bibliografia	56

Barcelos - Memórias do Século XX

Vereador do Pelouro da Educação e Cultura

Prof. Mário Constantino Lopes

Coordenador Geral

Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida

Professor da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

63

Coordenadores temáticos

Dr^a Cláudia Milhazes

Conservadora do Museu de Olaria

Dr^a Maria José

Técnica Superior dos Serviços de Arqueologia

Dr^a. Paula Costa

Técnica Superior dos Serviços de Dinamização Cultural

Dr. Victor Pinho

Bibliotecário Municipal



Câmara Municipal de Barcelos
Pelouro da Cultura

biblioteca
municipal
barcelos



31815

D. José Domenech defensor do
trabalho e prestante